

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE**

DISLEXIA: DE PROBLEMA A DOM - UM NOVO PARADIGMA

Por: Marlene Bérenger Samarcos de Almeida

Prof^a- Ms. Ana Cristina Guimarães

+

Rio de Janeiro

2004

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE**

DISLEXIA: DE PROBLEMA A DOM - UM NOVO PARADIGMA

Apresentação de monografia à Universidade Candido Mendes como condição prévia para a conclusão do Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” em Psicopedagogia.

Por: Marlene Bérenger Samarcos de Almeida

Rio de Janeiro

2004

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Tulio Feitosa Samarcos de Almeida, meu companheiro e incentivador em todos os momentos.

À professora Ana Cristina por seu acompanhamento durante todo meu trabalho monográfico.

DEDICATÓRIA

À minha neta Ana Beatriz Alcantara Bérenger Samarcos de Almeida, 8 anos, desejando que, daqui a alguns anos, esteja também fazendo sua monografia em uma Universidade de sua escolha.

EPÍGRAFE

Toda vez que ensinamos algo a uma criança, nós a impedimos de inventá-lo por si mesma.

Jean Piaget

RESUMO

O fracasso escolar e a evasão escolar estão relacionados com as dificuldades de aprendizagem, pois a criança tendo dificuldade em aprender acaba desestimulada, sentindo-se culpada e com baixa auto-estima.

A dislexia (dificuldades com a leitura) e seus comprometimentos como a disgrafia (dificuldades com a escrita), a disortografia (dificuldades com a ortografia), a dislalia (dificuldades com a fala) e a discalculia (dificuldades com a aritmética) causam problemas de aprendizagem que dificultam ou impedem o caminhar da criança na escola.

Muitos educadores desconhecem estes distúrbios, o que implica em problemas de ensino-aprendizagem que os professores não conseguem solucionar, gerando atrasos e fracassos escolares.

Este trabalho tem como objetivo a conscientização de pais, professores, educadores e alunos, tornando-os aptos a perceber as dificuldades que caracterizam a dislexia, sua possibilidade de cura e como ajudar os alunos a suplantá-la.

Apresenta uma análise, reflexões e considerações sobre o desafio e perspectivas para o ensino-aprendizagem de alunos com dislexia em sua alfabetização.

Traz um novo enfoque para este distúrbio de aprendizagem, não o vendo apenas como um problema – seu lado negativo -, mas também como um dom – seu lado positivo -, já que os disléxicos pensam de forma não-verbal, através de imagens, o que lhes proporciona um pensar muito mais rápido, eficiente e enriquecedor.

Isto fica comprovado através de uma enorme relação de disléxicos famosos e reconhecidamente respeitados em diferentes áreas do conhecimento.

São pintores, escritores, cientistas, atores, cantores, músicos, políticos e estrategistas que embora disléxicos saíram-se vencedores apesar das dificuldades de aprendizagem que tiveram nas etapas iniciais de suas vidas.

Entre eles, encontram-se: Einstein (cientista), Da Vinci (pintor e escultor), Thomas Edison (inventor da lâmpada), Walt Disney (produtor cinematográfico e criador da Disney World), John Kennedy (político e presidente dos EUA), John Lennon (cantor e compositor), Tom Cruise (ator), Henry Ford (empresário), Agatha Christie (escritora), entre muitos outros.

É importante salientar-se que, em qualquer etapa da vida, pode-se curar a dislexia através da reeducação, o que traz grandes esperanças para educadores que trabalham tanto com crianças quanto com jovens e adultos.

METODOLOGIA

Os métodos utilizados para a solução do problema proposto foram a leitura de livros, jornais, revistas e Internet, obtendo as respostas após coleta de dados em pesquisas bibliográficas, pesquisas na Internet e busca de materiais em livrarias e bibliotecas e jornais locais, análise, considerações e reflexões sobre o tema estudado.

Trabalhando há quarenta e três anos no magistério público, dos quais venho dedicando-me por quarenta anos ao Ensino Especial, decidi escrever minha monografia tendo como tema as dificuldades de aprendizagem.

Percebi, entre meus colegas de trabalho, ao longo dos anos, que a dislexia é um assunto pouco conhecido e até mesmo desconhecido por muitos dos profissionais que trabalham com a alfabetização e com o segmento que vai até a quarta série.

Inicialmente, fiz a seleção das primeiras bibliografias e selecionei uma reportagem de jornal em que um disléxico processa nos Estados Unidos a Instituição na qual estudou - vinte anos depois - ao descobrir , observando seus cadernos escolares que não aprendera adequadamente por ser disléxico e não ter sido reconhecido como tal pelos educadores de sua escola.

Parti então para as primeiras leituras, fazendo fichamentos, resumos e selecionando algumas citações que considerei importantes para dar maior evidência e veracidade ao meu trabalho e fui anotando todo o material que ia utilizando como bibliografia, respeitando as normas da ABNT.

Tendo em mãos os primeiros dados, organizei o meu Plano de Projeto de Pesquisa, no qual defini o tema (fato ou fenômeno), o problema (o que pesquisar), a justificativa (o porquê da pesquisa), seus objetivos (para que pesquisar), a hipótese proposta (solução desejada), a delimitação do tema (objeto da pesquisa) e o procedimento metodológico utilizado (como fazer).

Terminado o projeto, iniciei os capítulos, definindo-os em quatro. Ao final escrevi as conclusões de meu trabalho de pesquisa e fiz, a introdução o resumo e a metodologia empregada.

Organizei então o pré-texto com capa, folha de rosto, agradecimentos, dedicatória e epígrafe, para por fim esboçar o sumário e o índice, a bibliografia, os anexos e a folha de avaliação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I -	19
CAPÍTULO II -	33
CAPÍTULO III –	49
CAPÍTULO IV	61
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	73
ANEXO 1	75
ANEXO 2	76
ÍNDICE	77
FOLHA DE AVALIAÇÃO	81

INTRODUÇÃO

I – Apresentação do Tema

Este trabalho baseou-se, principalmente, na leitura dos trabalhos escritos pelos seguintes autores: Gilbert Robin (1958) - As dificuldades escolares da criança; Heloísa Miguens Araújo (2004) – Distúrbios de Aprendizagem; Maria Teresa Coelho e Elisabete da Assunção José - Problemas de Aprendizagem; Ronald Dell Davis (2003) – O Dom da Dislexia e Vítor da Fonseca (1995) – Introdução às Dificuldades de Aprendizagem; entre outros.

Segundo ARAÚJO (2004), a dislexia é uma das causas mais comuns das deficiências de aprendizado, estando presente em 20% de todas as crianças e em cerca de 10% da população infantil escolar em nosso país, o que faz com que elas tenham grande dificuldade em aprender a ler, escrever e soletrar, apesar de aparentarem uma inteligência normal.

O jornal Extra, em sua edição de domingo, 4 de julho de 2004, apresentou um artigo em seu encarte Bem-Viver Extra, na seção Comportamento: você e seu filho, escrito pelo psiquiatra Alfredo Castro Neto, intitulado “Cuidados com os Disléxicos”.

Este artigo relata notícia do Jornal *Daily News* dos EUA em que a Corte Superior de Justiça de *New Jersey* deu ganho de causa ao Sr. Thomas Mc Neil em ação original movida contra as autoridades educacionais. As provas apresentadas nos autos são seus cadernos escolares de 20 anos atrás, em que se caracterizam sinais de dislexia grave, não percebidos e corrigidos a tempo pela escola que freqüentava. Pleiteava indenização pelo que considerava negligência por parte da escola, com conseqüências nas dificuldades que encontrou em sua vida adulta.

Castro Neto (2004), coloca que 10% da população infantil escolar brasileira apresenta este distúrbio e que é reduzido o número de crianças que recebe o atendimento correto.

Relata que a criança disléxica faz confusão de letras e/ou fonemas semelhantes, discrimina mal os sons e pode também confundir os sinais gráficos.

Na escrita de uma pequena redação pode-se perceber uma dificuldade mais complexa e global na construção de sua linguagem, ou seja, no moldar do pensamento em uma expressão verbal.

Seu texto é breve e denota um pensamento delimitado, com falhas na ordenação das palavras e uma pontuação “aberrante”.

Destaca que a dislexia dificultou Thomas Edison (inventor da lâmpada) a realizar suas tarefas escolares e levou Hans Cristian Andersen a cometer erros ortográficos a vida inteira, apesar de ser um renomado escritor de histórias infantis.

Castro Neto (2004) relata nesta reportagem que foi Andersen o principal responsável pelo apelido de “Pateta” dado a um aluno com grandes dificuldades escolares chamado Albert Einstein – físico alemão e uma das maiores figuras do século XX que notabilizou-se pelo estabelecimento da Teoria da Relatividade .

Davis (2003) trouxe uma nova visão sobre a dislexia, deslocando seu enfoque como um problema – seu lado negativo – para um novo paradigma – dom – seu lado positivo.

Sendo também disléxico, descobriu através de uma auto-análise de suas próprias atuações ao tentar descrever por escrito como procedeu para executar uma escultura que fez, a pedido de um pesquisador, sendo já um adulto, aos trinta e oito anos, notou que tudo que escrevera não podia ser lido, pois só ele entendia sua própria escrita, já que ele pensava de uma maneira própria, dando conta de suas

tarefas, mas sem se fazer entender pelos os demais: “O que escrevia eram apenas rabiscos, ninguém conseguia ler”.

Descobriu que durante o pensamento criativo, mudava a localização do ponto de visão de onde as suas imagens mentais eram vistas e que podia intencionalmente aumentar ou diminuir a severidade de seus sintomas. A esta estratégia deu o nome de “olho mental” que corrigia a desorientação mental causada pela dislexia.

A partir daí corrigiu sua dislexia e passou a ajudar pessoas do mundo inteiro a ajudar os disléxicos em sua correção, através do Método Davis de Correção da Dislexia onde utiliza exercícios fáceis e divertidos baseados em linguagem não-verbal, a qual reflete a forma de pensar, principalmente em imagens, do disléxico.

Este novo paradigma que considera a dislexia um dom e não um problema precisa ser conhecido pelos disléxicos e por todos aqueles que lidam com eles, pais, professores e educadores, para que a aprendizagem dos alunos portadores de dislexia não se torne um motivo de fracasso, baixa auto-estima e evasão escolar, prejudicando crianças, jovens e adultos por toda sua vida.

II – Justificativa

A dislexia ainda é muito desconhecida ou mal-entendida no mundo. Eu já ouvi observações que vão desde “trata-se de algo que não tem jeito” a “trata-se de fantasia das mães para justificar a vagabundagem dos filhos”. (LIMA, 2004, p. 13, *apud* DAVIS, 2004)

A Dislexia vem sendo estudada há muitos anos, no entanto, muitos educadores desconhecem este distúrbio, suas causas, características, interferências na aprendizagem escolar, necessidades de encaminhamento a profissionais especializados, possibilidades de tratamento e cura, e os recursos didáticos que

podem ser utilizados para facilitar o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita nas escolas.

É grande o número de alunos que têm dificuldades em aprender a ler e escrever, transformando-se em adultos analfabetos.

O fracasso escolar tem sido uma preocupação constante para a área da educação – tanto para as escolas públicas quanto para as particulares – e para a sociedade em geral.

A exclusão escolar, profissional e social acaba por ser sua conseqüência, em muitos dos casos, podendo contribuir para uma diminuição da auto-estima, gerando a repetência e causando evasão escolar.

Ser alfabetizado, saber ler e escrever, é fundamental para a formação de um cidadão consciente de seus direitos e deveres e de seu papel de ingerência e transformação da sociedade em que vive.

É direito de todas as crianças, garantido por Lei, o acesso à uma educação escolar de qualidade. Isto inclui eficiência dos métodos de ensino-aprendizagem e uma boa formação dos professores e profissionais da educação em geral. o que justifica a realização desta pesquisa por seu valor educativo para as crianças, adultos e pais e para a melhoria da qualidade de profissionais das áreas de Educação e Saúde.

Enquanto pedagogos e professores, movidos pela preocupação com o insucesso e conseqüente exclusão de inúmeras crianças, jovens e adultos que apresentam dificuldades de aprendizagem¹ escolar - embora dêem sinais de que possuam inteligência² normal - e pela observação da postura de alguns profissionais que atuam junto a estes alunos, considerando-os como menos capazes, desleixados,

¹ Aprendizagem – operação neural; assimilação mental; entendimento, compreensão.

² Inteligência – faculdade ou capacidade de aprender, apreender, compreender ou adaptar-se facilmente. (Minidicionário de Língua Portuguesa – AURÉLIO, 2001); capacidade de escolher a melhor solução entre duas ou muitas que se propõem. (GARDNER, Howard, 1995 *apud* ANTUNES, Celso, 2001).

indiferentes, desatentos, desmotivados e indisciplinados, consideramos esse assunto importante e relevante ao ponto de desenvolvermos nossa pesquisa no campo das dificuldades de aprendizagem e como trabalhar habilidades, com o objetivo de informar a todos os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

É um sinal de alerta para que sejam analisados os motivos pelos quais essas dificuldades se instalam - impedindo que as crianças caminhem dentro do tempo normal de aquisição da aprendizagem e da idade regular - o que acaba sendo mais um problema a ser enfrentado pela escola, pelos pais e pelo próprio aluno que termina por sentir-se inferiorizado e com baixa auto-estima.

Justifica-se por ser relevante a necessidade de conscientização de pedagogos e demais profissionais da educação de envolvermo-nos com pesquisas que nos propiciem um melhor fazer pedagógico.

A carência de pesquisas realizadas por pedagogos e educadores sobre os resultados do ensino e sobre o que acabamos de ressaltar, nos faz recorrer a este trabalho a fim de encontrarmos um equilíbrio estável entre os dados científicos e as aplicações sociais que propiciem a esses profissionais um fazer científico, transformando-nos de simples transmissores de um saber em transformadores, reformuladores e incentivadores dos processos de ensino-aprendizagem.

Apresenta ainda importância de cunho social, pois é grande o número de alunos com dificuldades de aprendizagem, o que contribui para a exclusão e para a evasão escolar, sendo, portanto de utilidade individual e social a que se destina.

III - A quem se destina

Este trabalho destina-se aos pedagogos, professores, coordenadores, supervisores pedagógicos, administradores escolares, pais, alunos, universitários, pesquisadores e a todos os interessados nas problemáticas do ensino-aprendizagem.

IV – Objetivos

Levar os profissionais que lidam com o ensino-aprendizagem, os pais e os alunos a uma reflexão e discussão sobre as dificuldades neurobiológicas da aprendizagem, trazendo um visão sobre a **dislexia**, a **dislalia**, a **disgrafia** a **disortografia**, a **disartria** e a **discalculia** - comprometimentos que dificultam a aprendizagem da leitura, da escrita e da aritmética - suas principais características, implicações e curabilidade através da reeducação, para que o problema possa ser diagnosticado precocemente, evitando prováveis comprometimentos e atrasos aos indivíduos por desconhecimento da problemática.

Conscientizar esses sujeitos de que não se trata de uma doença, mas sim de um distúrbio que pode ser sanado com a intervenção de um profissional específico (fonoaudiólogo, pedagogo, psicopedagogo) e da prática pedagógica eficiente dos professores.

Conscientizar os educadores, pais, alunos e todos aqueles que se interessarem pela educação, sobre os problemas referentes à Dislexia;

Torná-os conhecedores das questões que permeiam esta problemática;

Fornecer-lhes dados informativos que os tornem aptos a perceberem as dificuldades que a caracterizam, soluções e ajudas que podem obter para ajudar o indivíduo disléxico a se desenvolver de forma adequada.

V – Formulação da Hipótese

A Dislexia, que interfere na aprendizagem da leitura e da escrita, pode não retardar a aprendizagem e nem impedir o aluno de aprender, se forem empregadas metodologias apropriadas para sanar suas dificuldades, não condenando o aluno ao fracasso

escolar e profissional e evitando dificuldades em sua vida adulta, atuando de forma a facilitar um aprender melhor e mais rápido.

VI - Delimitação do Objeto da Pesquisa

O objeto desta pesquisa limita-se a analisar, refletir e tecer considerações sobre o desafio e perspectivas para o ensino-aprendizagem de indivíduos com dislexia em sua alfabetização, buscando conhecimentos que forneçam subsídios aos profissionais que lidam com os alunos disléxicos a fim de propiciar-lhes melhores condições de ensino-aprendizagem na alfabetização (leitura e escrita).

VII – Procedimento Metodológico

Basear-se-á em uma revisão bibliográfica dos principais autores que escreveram sobre a Dislexia e os Problemas de Aprendizagem e em consultas a jornais, revistas e *sites* que propiciem obter as informações necessárias para darem conta das questões formuladas, através de um levantamento das contribuições científicas e culturais existentes sobre o tema em foco, proposto neste trabalho monográfico.

VIII – Questões de Estudo

A Dislexia como causadora de disgrafias, disortografias, dislalias e discalculias, dificultando e até mesmo impedindo o caminhar dos disléxicos na aprendizagem escolar; suas causas, conseqüências e possibilidades de cura; a intervenção pedagógica correta para sanar as dificuldades; os novos paradigmas para esse distúrbio.

IX – Organização do Estudo

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, apresentando os seguintes enfoques:

Introdução – Onde é apresentado o tema em questão, sua justificativa, o objetivo do estudo, a formulação da hipótese, a delimitação do objeto de pesquisa, o procedimento metodológico, as questões e a organização do estudo .

Capítulo 1 – Distúrbios de Aprendizagem: A Dislexia - **O que é; causas; sinais; características; transtornos na leitura; o que pode ser feito; a cura; orientações e a reeducação.**

Capítulo 2 – A Dislexia e os Transtornos de Aprendizagem – **A disgrafia: seus tipos, tratamentos e objetivos, áreas de tratamento; a disortografia; a dislalia: tratamento, causas, produção da fala; a disartria: causas, conseqüências; a discalculia: os distúrbios e a aritmética, distúrbios de linguagem receptivo-auditiva e aritmética, memória auditiva e aritmética, distúrbios da leitura e aritmética; distúrbios de escrita e aritmética, o professor e os distúrbios de leitura, escrita e aritmética.**

Capítulo 3 – A descoberta de Davis – **Quem foi Davis; o talento latente – o lado positivo da dislexia; mudança de paradigmas; o transtorno da aprendizagem; a nova perspectiva de Davis; dois tipos de pensamento; dois tipos de palavras; o dislético e seus talentos; a descoberta de Davis; o dom do dislético; a intuição; o pensamento multidimensional.**

Capítulo 4 – A Dislexia e a Aprendizagem - **O dom do domínio; como identificar a dislexia; sintomas da desorientação; avaliação da habilidade; como ativar a função de desorientação do cérebro; o olho mental; encontrando o interruptor; os procedimentos Davis; Sou qualificado para fazer isso?**

Conclusão.

CAPÍTULO I

Distúrbios de Aprendizagem

A DISLEXIA

1– O que é ?

“A dislexia é uma das mais comuns deficiências de aprendizado e atinge cerca de 20% das crianças brasileiras – o que resulta em dificuldades de aprender a ler, escrever e soletrar.” (ARAÚJO, 2004, p 1).

Castro Neves (2004) relata que cerca de 10% da população infantil escolar em nosso país apresenta este distúrbio, porém é muito reduzido o número de crianças que recebe o atendimento correto.

A dislexia é uma perturbação ou transtorno ao nível da leitura e da escrita.

A dislexia é a maior causa do baixo rendimento escolar. No Brasil estima-se que pelo menos 15 milhões de crianças e jovens sofram com distúrbios de letras. A criança disléxica é um mau leitor: é capaz de ler, mas não é capaz de entender eficientemente o que lê. A linguagem é fundamental para o sucesso escolar, pois está presente em todas as disciplinas escolares. Uma dificuldade no ensino da matemática pode estar relacionada com a dificuldade de compreensão do enunciado... (Martins, 2004, p.1)

Pessoas disléxicas – e que nunca se trataram – lêem com dificuldade, pois é difícil para elas assimilarem palavras. Disléxicos também geralmente soletram muito mal. Isto não quer dizer que crianças disléxicas sejam menos inteligentes; aliás,

muitas delas apresentam um grau de inteligência normal ou até superior ao da maioria da população.

A dislexia (dificuldade de ler) propicia também a disgrafia (dificuldade de coordenação motora na hora de escrever), disortografia (dificuldade de escrever corretamente), dislalia (dificuldade na emissão dos fonemas) e ainda dificuldades com a aritmética – discalculia (dificuldade de calcular).

Neste trabalho focar-se-á apenas o que se refere à área da linguagem.

A dislexia persiste apesar da boa escolaridade. É necessário que pais, professores e educadores estejam cientes de que um número significativo de crianças sofre de dislexia. Caso contrário, eles confundirão dislexia com preguiça ou má disciplina.

É normal que crianças disléxicas expressem sua frustração por meio de mal comportamento dentro e fora da sala de aula. Portanto, pais e educadores devem saber identificar os sinais que indicam que uma criança é disléxica - e não preguiçosa, pouco inteligente ou mal comportada.

Uma criança disléxica encontra dificuldade de ler e as frustrações acumuladas podem causar distúrbios de ordem emocional, afetiva e lingüística, conduzindo a comportamentos anti-sociais, à agressividade e a uma situação de marginalidade progressiva. (Martins, 2004, p.1)

A dislexia não deve ser motivo de vergonha para crianças que sofrem dela ou para seus pais. Dislexia não significa falta de inteligência e nem um imperativo de futuras dificuldades acadêmicas e profissionais. A dislexia, principalmente quando tratada, não implica em falta de sucesso no futuro.

Alguns exemplos de pessoas disléxicas que obtiveram grande sucesso profissional são Thomas Edison (inventor), Tom Cruise (ator), Walt Disney (fundador dos personagens e estúdios Disney) e Agatha Christie (escritora). Alguns pesquisadores acreditam que pessoas disléxicas têm até uma maior probabilidade de serem bem sucedidas. Acredita-se que a batalha inicial de disléxicos para aprender de maneira convencional estimula sua criatividade e desenvolve uma habilidade para lidar melhor com problemas e com o estresse.

2- Causas da Dislexia

Segundo Araújo (2004), as causas da dislexia são neurobiológicas e genéticas. A dislexia é herdada e, portanto, uma criança disléxica tem algum pai, avô, tio ou primo que também é disléxico.

Diferentemente de outras pessoas que não sofrem de dislexia, disléxicos processam informações em uma área diferente de seu cérebro. Não obstante, os cérebros de disléxicos são perfeitamente normais. A dislexia parece resultar de falhas nas conexões cerebrais.

Existem tratamentos que curam a dislexia. Estes tratamentos buscam estimular a capacidade do cérebro de relacionar letras aos sons que as representam e, posteriormente, ao significado das palavras que elas formam. Quanto mais cedo é tratada, maior a chance de corrigir as falhas nas conexões cerebrais da criança, podendo ser curada por completo, se tratada desde os primeiros anos de vida.

Para melhor entender a causa da dislexia é necessário conhecer, de forma geral, como funciona o cérebro. Diferentes partes do cérebro exercem funções específicas. A área esquerda do cérebro, por exemplo, está mais diretamente relacionada à linguagem; nela foram identificadas três sub-áreas distintas: uma delas

processa fonemas, outra analisa palavras e a última reconhece palavras. Essas três subdivisões trabalham em conjunto, permitindo que o ser humano aprenda a ler e escrever. Uma criança aprende a ler ao reconhecer e processar fonemas, memorizando as letras e seus sons. Ela passa então a analisar as palavras, dividindo-as em sílabas e fonemas e relacionando as letras a seus respectivos sons.

À medida que a criança adquire a habilidade de ler com mais facilidade, outra parte de seu cérebro passa a se desenvolver; sua função é a de construir uma memória permanente que imediatamente reconheça palavras que lhe são familiares. À medida que a criança progride no aprendizado da leitura, esta parte do cérebro passa a dominar o processo e, conseqüentemente, a leitura passa a exigir menos esforço.

O cérebro de disléxicos, devido às falhas nas conexões cerebrais, não funciona desta forma. No processo de leitura, os disléxicos recorrem somente à área cerebral que processa fonemas. A conseqüência disso é que disléxicos têm dificuldade em diferenciar fonemas de sílabas, pois sua região cerebral responsável pela análise de palavras permanece inativa. Suas ligações cerebrais não incluem a área responsável pela identificação de palavras e, portanto, a criança disléxica não consegue reconhecer palavras que já tenha lido ou estudado. A leitura se torna um grande esforço para ela, pois toda palavra que ela lê aparenta ser nova e desconhecida.

3- Sinais de Dislexia

Em caso de suspeita, a criança deve ser encaminhada a um profissional especializado (fonoaudiólogo) para que seja avaliada e diagnosticada ou não a dislexia. Em caso afirmativo o professor deverá entrar em contato com este

profissional, buscando orientações sobre como trabalhar com esta criança para facilitar sua aprendizagem na escola.

Araújo (2004) apresenta um roteiro de perguntas que propiciam ao professor observar se há sinais indicadores de presença de dislexia ou não, em crianças nas diferentes fases escolares.

3.1 - Entre 3 e 6 anos, na educação infantil

1. Ele persiste em falar como um bebê?
2. Frequentemente pronuncia palavras de forma errada?
3. Não consegue reconhecer as letras que soletram seu nome?
4. Tem dificuldade em lembrar o nome de letras, números e dias da semana?
5. Leva muito tempo para aprender novas palavras?
6. Tem dificuldade em aprender rimas infantis?

3.2 - Entre 6 e 7 anos, na primeira série.

1. Tem dificuldade em dividir palavras em sílabas?
2. Não consegue ler palavras simples e monossilábicas, tais como “rei” ou “bom”?
3. Comete erros de leitura que demonstram uma dificuldade em relacionar letras a seus respectivos sons?
4. Tem dificuldade em reconhecer fonemas?

5. Reclama que ler é muito difícil?
6. Frequentemente comete erros quando escreve e soletra palavras?
7. Memoriza textos sem compreendê-los?

3.3 - Entre 7 e 12 anos.

1. Comete erros ao pronunciar palavras longas ou complicadas?
2. Confunde palavras de sonoridade semelhante, como “tomate” e “tapete”, “loção” e “canção”?
3. Utiliza excessivamente palavras vagas como “coisa”?
4. Tem dificuldade para memorizar datas, nomes ou números de telefone?
5. Pula partes de palavras quando estas têm muitas sílabas?
6. Costuma substituir palavras difíceis por outras mais simples quando lê em voz alta; por exemplo, lê “carro” invés de “automóvel”?
7. Comete muitos erros de ortografia?
8. Escreve de forma confusa?
9. Não consegue terminar as provas de sala-de-aula?
10. Sente muito medo de ler em voz alta?

3.4 - A partir dos 12 anos

1. Comete erros na pronúncia de palavras longas ou complicadas?
2. Seu nível de leitura está abaixo de seus colegas de sala-de-aula?
3. Inverte a ordem das letras – “bolo” por “lobo”, “lago” por “logo”?
4. Tem dificuldades em soletrar palavras? Soletra a mesma palavra de formas diferentes numa mesma página?
5. Lê muito devagar?
6. Evita ler e escrever?
7. Tem dificuldade em resolver problemas de matemática que requeiram leitura?
8. Tem muita dificuldade em aprender uma língua estrangeira?

4- Características da Dislexia

Araújo (2004) sinaliza que o ideal seria que toda criança fosse testada para detectar se ela sofre de dislexia. Portanto, é importante que pais e professores fiquem atentos aos sinais de dislexia para que possam ajudar seus filhos e alunos.

O primeiro sinal de possível dislexia pode ser detectado quando a criança, apesar de estudar numa boa escola, tem grande dificuldade em assimilar o que é ensinado pelo professor. Crianças cujo desenvolvimento educacional é retardatário podem ser bastante inteligentes, mas sofrer de dislexia. O melhor procedimento a ser adotado é permitir que profissionais qualificados examinem a criança para averiguar se ela é disléxica. A dislexia não é o único distúrbio que inibe o aprendizado, mas é o mais comum.

São muitos os sinais que identificam a dislexia. Crianças disléxicas tendem a confundir letras com grande frequência. Entretanto, esse indicativo não é totalmente confiável, pois muitas crianças, inclusive não-disléxicas, frequentemente confundem as letras do alfabeto e as escrevem com inversões.

Na Educação Infantil, crianças disléxicas demonstram dificuldade ao tentar rimar palavras e reconhecer letras e fonemas. Na primeira série, elas não conseguem ler palavras curtas e simples, têm dificuldade em identificar fonemas e reclamam que ler é muito difícil. Da segunda à quinta série, crianças disléxicas têm dificuldade em soletrar, ler em voz alta e memorizar palavras; elas também frequentemente confundem palavras. Esses são apenas alguns dos muitos sinais que identificam que uma criança sofre de dislexia.

A dislexia é tão comum em meninos quanto em meninas.

5 - Transtornos na leitura

Certas crianças, a despeito de uma inteligência inteiramente normal, não conseguem aprender a ler. O resto do psiquismo não se apresenta totalmente deficiente. Temos então o direito de falar em “cegueira verbal congênita”. (Robin, apud VIANA, 1958, p. 100)

Como, na maior parte dos casos, esta cegueira verbal está longe de ser absoluta, esse termo pode parecer um pouco exagerado. Do mesmo modo, Mme. Roudinesco e Thys (1948) chamam de disléxica uma criança que, depois de três anos de aprendizado escolar normal, não consegue ler corretamente, embora seu quociente intelectual seja mais ou menos 100.

Vanot e Lecomte (1946) descreveram, com o nome de “tiflolexia congênita”, o caso de uma criança de 13 anos e meio, que falou aos cinco anos, de inteligência

normal, aprendendo corretamente de viva voz, mas pulando, deformando as palavras quando fazia a leitura. A criança lia bem os números.

Crianças disléxicas confundem as letras que se parecem oticamente (n e m; h e k; u e v) ou foneticamente (/ f / e / v /; / t / e / d /; / p / e / b /; etc.)

É preciso prudência na apreciação da cegueira verbal congênita. Em certos casos, é conveniente especular um transtorno da motricidade ocular, como possível causa da confusão das palavras e desordem das letras.

Ombredanne (1937), que fez longo estudo da cegueira verbal congênita e dos fatos mais diretos denominados de dislexia ou paralexia, critica a teoria dos centros cerebrais corticais como depósito de imagens, e repele a hipótese de Orton, segundo o qual os indivíduos disléxicos, com grande dificuldade para ler e escrever, apresentariam uma insuficiência de desenvolvimento de um hemisfério cerebral sobre o outro, como se as influências cerebrais direita e esquerda estivessem em rivalidade.

De fato, autores americanos fizeram uma aproximação entre o desajeitado, a ambidestria e a gagueira, a leitura ou a escrita em espelho, a dislexia e a disgrafia de evolução.

Para Ombredanne (Paris, 1937), as dificuldades dos disléxicos, a supressão, a antecipação, assimilação, os equívocos literários, que recaem sobre as letras de formas semelhantes são fenômenos que, não sendo próprios da patologia, encontram-se não somente na linguagem de distração dos adultos, mas ainda na evolução normal das línguas. Podem ser considerados como atos de nível inferior, como soluções de automatismo que se manifestam por ocasião de um enfraquecimento e de uma insuficiência dos processos de elaboração na leitura.

Para aprender a ler (o que deve ser possível aos 6 anos de idade), é preciso distinguir a direita da esquerda, dificuldade enorme entre os canhotos contrariados; a

propósito, nos casos de dislexia, encontramos grande proporção de canhotos contrariados.

Mas não é esta a causa única de dislexia. A referida dislexia pode ser dita de evolução, quando ultrapassada em menos de 2 anos, e é grave, quando esta fixação da leitura entre os 6 e 7 anos se prolonga além dos 8 anos.

Nos antecedentes pessoais, nota-se reiteradamente o atraso no aparecimento da linguagem, transtornos de articulação, mancinismo ou sinistrismo contrariado, e nos antecedentes familiares, acidentes de parto, encefalites, convulsões, e, até mesmo, dislexia e mancinismo familiares. O eletroencefalograma revela anomalias no traçado, que evidenciam a origem orgânica desses transtornos. Provavelmente, haverá atraso na mielinização das fibras cerebrais. Os pais freqüentemente desolados com o que acreditam ser uma “enfermidade” nos filhos, ou furiosos com seus reveses escolares, tornam estas crianças ansiosas, emotivas, inibidas ou, algumas vezes, agressivas, negativistas.

Os disléxicos perfazem o quadro destas crianças a que denominamos de carentes de inteligência, entendendo-se por esta expressão que são incapazes de servir-se de seu pensamento para expressar-se, como o são muitas vezes, para o uso das próprias mãos. (ROBIN, apud VIANA, 1958, p. 102).

As dificuldades que se encontra em tais crianças são observadas nas atividades em que intervêm:

1º – organização do espaço

2º – orientação

3º – ritmo

O clínico desvenda-as com a ajuda dos testes de Kohs, de Bender e de toda a bateria de testes motores.

6 - O que pode ser feito?

Nunca é tarde demais para ensinar disléxicos a ler e a processar informações com mais eficiência. Entretanto, diferente da fala – que, normalmente, qualquer criança acaba adquirindo, se não houver algum impedimento para isso – a leitura precisa ser ensinada.

Utilizando métodos adequados de tratamento e com muita atenção e carinho, a dislexia pode ser derrotada.

Crianças disléxicas que receberam tratamento desde cedo apresentam uma menor dificuldade ao aprender a ler.

Isso evita que a criança se atrase na escola ou passe a desgostar de estudar.

É importante enfatizar que a dislexia não é curada sem um tratamento apropriado. Não se trata de um problema que é superado com o tempo.

A dislexia não pode passar despercebida. Pais e professores devem se esforçar para identificar a possibilidade de seus filhos ou alunos sofrerem de dislexia.

Crianças disléxicas que foram tratadas desde cedo superam o problema e passam a se assemelhar àquelas que nunca tiveram qualquer dificuldade de aprendizado.

Foram desenvolvidos diversos programas para curar a dislexia. Não há um só tratamento que seja adequado a todas as pessoas. Contudo, a maioria dos tratamentos enfatiza a assimilação de fonemas, o desenvolvimento do vocabulário, a melhoria da compreensão e a fluência na leitura.

Esses tratamentos ajudam o dislético a reconhecer sons, sílabas, palavras e, por fim, frases. É aconselhável que a criança dislética leia em voz alta com um adulto para que ele possa corrigi-la.

É importante saber que ajudar disléticos a melhorar sua leitura é muito trabalhoso e exige muita atenção e repetição. Mas um bom tratamento certamente rende bons resultados.

Alguns estudos sugerem que um tratamento adequado, administrado ainda cedo na vida escolar de uma criança, pode corrigir as falhas nas conexões cerebrais e chegar ao ponto em que elas desapareçam por completo.

7 – A cura

Toda criança necessita de apoio e paciência. Muitas crianças disléticas sofrem de falta de autoconfiança, pois se sentem menos inteligentes que seus amigos. Porém, um bom tratamento pode curar a dislexia. Muitos disléticos tiveram grande sucesso profissional; existe uma alta porcentagem de disléticos entre os grandes artistas, cientistas e executivos. Muitos especialistas acreditam que pessoas disléticas, por serem forçadas a pensar de forma diferente, são mais habilidosas e criativas e têm idéias inovadoras que superam as de não-disléticos.

Mesmo em salas de aula com grande número de alunos e com falta de recursos para pesquisas, a dislexia precisa ser combatida. Muitos casos de dislexia passam despercebidos em nossas escolas.

Crianças com elevado grau de inteligência, mas que sofrem de dislexia, aparentam ser péssimos alunos. Elas se envergonham de suas dificuldades acadêmicas, abandonam a escola e se isolam de amigos e familiares. Seus pais, por falta de conhecimento, se envergonham de ter um filho disléxico e evitam tratar do problema.

No entanto, se receberem um tratamento apropriado, poderão não apenas superar essa dificuldade, mas até utilizá-la como benefício para se sobressair pessoal e profissionalmente.

8 – Orientações

É importante que os pais recorram à escola para avaliar se seus filhos sofrem de dislexia. Se você suspeita que seu filho é disléxico, mas a escola na qual ele estuda não faz testes de dislexia e não tem especialistas que ajudem crianças disléxicas, procure um outro profissional qualificado.

Araújo (2004) ressalta que um bom programa educacional para crianças disléxicas precisa estabelecer objetivos específicos de progresso para o ano letivo. É necessário dedicar muita atenção para que a dislexia seja superada.

Sendo assim, seja paciente com um aluno ou filho disléxico e não deixe que ele sofra de baixa auto-estima. Incentive-o a buscar novas atividades e interesses, tais como esportes ou música, e sempre o recompense quando ele progredir em seus estudos.

9 – A Reeducação

Uma equipe formada por Mme. Roudinesco, Jean Trelat e Mme. Trelat propôs, na França, em 1938, um tratamento para os disléxicos, baseando-se em longos estudos sobre o caso, em que incluíam a necessidade de dar explicações

minuciosas à família, na presença da criança, sobre a natureza do transtorno, sua curabilidade e do fato de que a criança não tem culpa de seus reveses escolares; a importância de não contrariar a natureza dos canhotos; modificação da atitude dos pais diante dos disléxicos (muitas vezes considerados retardados ou indolentes); aliviar a ansiedade da criança que reage aos deveres escolares por oposição ou vivo sentimento de inferioridade.

A reeducação difere, segundo o grau de dislexia e o nível de leitura da criança. Se a noção de direita-esquerda é ainda imprecisa, o aprendizado da leitura deve ser precedido de exercício de orientação (exemplos simples, imitação de movimentos do pedagogo), colocado paralelamente à criança, ou à sua frente; dar pontos de reparo fixos: à direita ou à esquerda (do livro, do caderno, da janela, da porta, etc.).

Deve-se iniciar o trabalho de reeducação sempre com a leitura de sílabas de duas letras, levando a criança a observar o problema da inversão para evitá-la: ra – ar; li – il; ma – am, etc.

Só depois do conhecimento das sílabas de duas letras, será iniciado o estudo de sílabas de três letras e das vogais compostas, sempre com muitos exercícios, permitindo a observação da inversão: tar – tra – rat; our – rou, etc.

Logo que possível, a criança lerá, com tom de linguagem falada, pequenas frases compostas com elementos conhecidos e, em seguida, explicará ou comentará o que leu (para nos assegurarmos de que entendeu o que leu). Fazer os exercícios em voz alta.

É importante manter a criança em classe onde possa prosseguir os exercícios de aritmética, tendo cuidados especiais ao propor os exercícios escritos de linguagem.

Mesmo quando existem lesões orgânicas, estabelecem-se, nos indivíduos jovens, substitutivos funcionais e a reeducação é possível.

CAPÍTULO II

A DISLEXIA E OS TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

A Dislexia apresenta-se sob vários nomes e é um termo genérico utilizado para vários e diferentes problemas de aprendizagem, sendo conhecida como “A mãe dos transtornos de Aprendizagem”. Existem mais de setenta nomes para descreverem seus vários aspectos.

Este capítulo aborda alguns dos transtornos mais comuns causados pela dislexia, na área da linguagem e da aritmética, com alguns informes básicos sobre cada um deles.

I – Na área da linguagem

1. disgrafia (dificuldade de coordenação motora para escrever).
2. disortografia (dificuldade de escrever corretamente as palavras).
3. dislalia (dificuldade de emitir corretamente os fonemas das palavras).
4. disartria (dificuldade para realizar os movimentos necessários à emissão verbal).

1 - Disgrafia

Martins (2004) define a Disgrafia como uma alteração da escrita normalmente ligada a problemas perceptivo-motores. Acarreta uma escrita defeituosa sem que um importante transtorno neurológico ou intelectual o justifique.

Para adquirir-se a habilidade de escrita é necessário obter-se, segundo o autora, desenvolvimento ao nível de:

- *coordenação visuo-motora* - para que se possam realizar os movimentos finos e precisos que exigem o desenho gráfico das letras;
- *da linguagem* - para compreender o paralelismo entre o simbolismo da linguagem oral e da linguagem escrita;
- *da percepção* - que possibilita a discriminação e a realização dos caracteres numa situação espacial determinada; cada letra dentro da palavra, das palavras
- *na linha e no conjunto da folha de papel* - assim como o sentido direcional de cada grafismo e da escrita em geral.

A escrita disgráfica pode ser observada, segundo Martins, através das seguintes manifestações:

- traços pouco precisos e incontrolados;
- falta de pressão com debilidade de traços;
- ou traços demasiado fortes que vinquem o papel;
- grafismos não diferenciados nem na forma nem no tamanho;
- a escrita desorganizada que se pode referir não só a irregularidades e falta de ritmo dos signos gráficos, mas também a globalidade do conjunto escrito;

- realização incorreta de movimentos de base, especialmente em ligação com problemas de orientação espacial, etc.

1.1 -Tipos de disgrafia

1.1.1 - disgrafia motora

Refere-se a transtornos psicomotores. A criança disgráfica motora compreende a relação entre os sons escutados - os quais pronuncia perfeitamente - e a representação gráfica destes sons, mas encontra dificuldades na escrita como consequência de uma motricidade deficiente.

Manifesta-se com lentidão, movimentos gráficos dissociados, signos gráficos indiferenciados, manejo incorreto do lápis e postura inadequada ao escrever.

1.1.2 - disgrafia específica

A dificuldade para reproduzir as letras ou palavras não responde a um transtorno exclusivamente motor, mas a uma má percepção das formas, a uma desorientação espacial e temporal, a transtornos de ritmo, etc., que comprometem a toda a motricidade fina.

Martins(2004) considera que as crianças que possuem problemas de disgrafia podem apresentar:

- *Rigidez na escrita*: com tensão no controle da mesma;
- *Grafismo solto*: com escrita irregular porém com poucos erros motores;
- *Impulsividade*: escrita pouco controlada, letras difusas, a organização da página é deficiente;
- *Inabilidade*: escrita torpe: a cópia de palavras apresenta grandes dificuldades;

- *Lentidão e meticulosidade*: escrita muito regular, porém lenta, a criança angustia-se com o desejo de precisão e controle.

1.2 - O diagnóstico da disgrafia escolar

Araújo (2004) coloca que o Diagnóstico dentro da aula consiste em precisar o grau de alterações e apontar o tipo e frequência do erro gráfico. Para este procedimento será necessário corrigir diariamente as produções da criança, destacando as falhas para reeducar com o exercício adequado.

De forma individual, realizar-se-ão provas, tais como:

- Ditados:
 - de letras, sílabas ou palavras. Dita-se um trecho com dificuldade de acordo com o nível escolar da criança. O mais simples consiste em extraí-lo do livro que habitualmente a criança usa, correspondente ao grau que cursa. Realizar a análise dos erros.
- Prova de escrita espontânea:
 - destinada a crianças que já escrevem. A tarefa é: “escreva o que você goste de escrever” ou “o que você tiver vontade” ou “escreva o que você quiser”. Do texto, assinalam-se os erros cometidos, seguindo-se com classificação de erros frequentes, assinalada na etiologia desta patologia.

➤ **Cópia:**

- de um trecho em letra de imprensa e de outro em cursiva, reproduzir o texto tal qual está, e depois outros textos, um em imprensa para passar para cursiva, e outro em cursiva para passar imprensa.

Aqui observa-se se a criança é capaz de copiar sem cometer erros e omissões; ou ainda se pode transformar a letra (o que implica um processo de análise e síntese) . Se a criança não consegue copiar frases, pede-se que copie palavras, sílabas ou letras.

1.3 - O tratamento da disgrafia

Envolve uma ampla gama de atividades que poderão ser criadas pelo docente ao ter o registro de erros que cometem as crianças. Recomenda-se levar um caderninho ou pasta à parte do caderno usado para o trabalho de aula, para facilitar a inclusão de novos exercícios e a correção minuciosa.

1.4 – objetivo do tratamento

O tratamento tem por objetivo recuperar a coordenação global e manual e a aquisição do esquema corporal; reabilitar a percepção e a atenção gráfica; estimular a coordenação visuomotora, melhorando o processo óculo- motor; educar e corrigir a execução dos movimentos básicos que intervêm na escrita (retilíneos, ondulados) assim como ter em conta conceitos tais como: pressão, freio, fluidez, etc., melhorar a execução de cada uma das *gestalts* que intervêm na escrita, isto é, de cada uma das letras; melhorar a fluidez da escrita; corrigir a postura do corpo, dedos, mão e braço, e cuidar da posição do papel.

1.5 – áreas do tratamento

O tratamento da disgrafia envolve as diferentes áreas, conforme Araújo:

1.5.1- Psicomotricidade global / Psicomotricidade fina - o exercício psicomotor implica ensinar à criança quais são as posições adequadas.

- a) Sentar-se bem, apoiando as costas no encosto da cadeira;
- b) Não se aproximar muito a cabeça da folha;
- c) Aproximar a cadeira da mesa;
- d) Colocar o encosto da cadeira paralelo à mesa;
- e) Não mover o papel continuamente, porque as linhas saíram torcidas;
- f) Não colocar os dedos muito distantes da ponta do lápis, senão este fica solto controle e a criança não controla a escrita;
- g) Ao aproximar-se muito os dedos da ponta do lápis, não se vê o que se escreve e os dedos se cansam mais facilmente, pois exige um maior esforço;
- h) Colocar os dedos sobre o lápis a uma distância aproximada de 2 a 3 cm da folha; Se a criança escreve com a mão direita, pode-se inclinar ligeiramente o papel para a esquerda;
- i) Se a criança escreve com a mão esquerda, pode-se inclinar o papel ligeiramente para a direita.

1.5.2 - Percepção - as dificuldades perceptivas (espaciais, temporais, visoperceptivas, de atenção, etc.) são causadoras de muitos erros de escrita (fluidez, inclinação, orientação, etc.). Deve-se trabalhar a orientação rítmico-temporal, atenção, confusão figura-fundo, reprodução de modelos visuais.

1.5.3 – Visuomotricidade - a coordenação visomotora é fundamental para conseguir-se uma escrita satisfatória. O objetivo da reabilitação visomotora é melhorar os processos óculo-motores que facilitarão o ato da escrita. Para a recuperação visomotora pode-se realizar as seguintes atividades: perfurar com estilete, recortar com tesoura, rasgar com os dedos, costurar com barbante ou linha grossa, modelando contornos e figuras, trabalhar com massa plástica e colorir modelos.

1.5.4 – Grafomotricidade - A reeducação grafomotora tem por finalidade educar e corrigir a execução dos movimentos básicos que intervêm na escrita, os exercícios de reeducação consistem em estimular os movimentos básicos das letras (retilíneos, ondulados), assim como levar em conta conceitos tais como: pressão, freio, fluidez, etc.

Os exercícios podem ser: movimentos retilíneos, movimentos de espirais e ondas, movimentos curvilíneos do tipo circular, gregas sobre papel pautado, completar simetria em papel pautado e cobrir desenhos pontilhados.

1.5.5 – Grafoescrita - Este ponto da reeducação pretende melhorar a execução de cada uma das gestaltes que intervêm na escrita, isto é, das letras do alfabeto. O exercício consiste no treinamento da caligrafia.

1.5.6 - Aperfeiçoamento da escrita - o exercício consiste em melhorar a fluidez da escrita, corrigindo os erros. As atividades que se podem realizar são: união de letras e palavras, inclinação de letras e linhas, trabalhar com quadriculas; logo, realizar qualquer exercício de

reabilitação psicomotora. Deve-se dispor de 10 minutos para o relaxamento.

1.6 – O relaxamento

- **Tocar as pontas dos dedos com o dedo polegar. Primeiro se faz lentamente e depois com maior velocidade. Também se pode fazer com os olhos fechados.**
- **Unir os dedos de ambas as mãos, polegar com polegar, indicador com indicador. Primeiro devagar e depois aumentando a velocidade. Também se pode fazer com os olhos fechados.**
- **Apertar os punhos com força, mantê-los apertados, contando até dez e então abri-los.**

2 - Disortografia

Para Coelho & José (1999), a disortografia consiste numa escrita - não necessariamente disgráfica, mas com numerosos erros - que se manifesta logo que se tenham adquirido os mecanismos da leitura e da escrita.

Entre os diversos motivos que podem condicionar uma escrita desse tipo, destacamos os seguintes:

- **Alterações na linguagem: um atraso na aquisição e/ou no desenvolvimento e utilização da linguagem, junto a um escasso nível verbal, com pobreza de vocabulário (código restrito), podem facilitar os erros de escrita.**

Dentro desta área estão os erros originados por uma alteração específica da linguagem, como são os casos das dislalias e/ou disartrias.

- Erros na percepção, tanto visual como auditiva: fundamentalmente estão baseados numa dificuldade para memorizar os esquemas gráficos ou para discriminar qualitativamente os fonemas.
- Falhas de atenção: se esta é instável ou frágil, não permite a fixação dos grafemas ou dos fonemas corretamente.
- Uma aprendizagem incorreta da leitura e da escrita, especialmente na fase de iniciação, pode originar lacunas de base com a conseqüente insegurança para escrever. Igualmente, numa etapa posterior, a aprendizagem deficiente de normas gramaticais pode levar à realização de erros ortográficos que não se produziriam se não existissem lacunas no conhecimento gramatical da língua.

Muitas destas alterações entroncam a disortografia com a dislexia, ao ponto de, para muitos autores, a disortografia ser apontada como uma seqüela da dislexia.

3 - Dislalia

Consiste, segundo Coelho & José (1999), na má articulação das palavras, seja omitindo ou acrescentando fonemas, trocando um pelo outro, ou ainda distorcendo fonemas. A falha na articulação das palavras pode ainda ocorrer a nível de sílabas.

Quando a criança não consegue desenvolver um bom padrão de fala, com distinções claras dos fonemas acabará passando estas trocas para a escrita, quando iniciar esta nova fase.

3.1 - O tratamento da dislalia

A dislalia é definida por Coelho & José (1999) como a omissão, substituição, distorção ou acréscimo de sons na palavra falada.

Inicialmente é feita uma pesquisa das condições físicas dos órgãos necessários à articulação das palavras.

Verifica-se também a mobilidade destes órgãos: palato, lábios e língua, assim como a audição nos aspectos de quantidade e também a qualidade (percepção) auditiva.

É importante uma estimulação da percepção auditiva para que a criança ou o adulto possa identificar e corrigir a sua emissão de fonemas, sílabas, palavras e frases.

3.2 – Causas da dislalia

A dislalia caracteriza-se por falhas na articulação das palavras e podem ter origem orgânica (defeito na arcada dental, lábio leporino, freio da língua curto, língua de tamanho acima do normal) ou funcional

(a criança não sabe mudar a posição da língua e dos lábios para a emissão dos fonemas).

A dislalia funcional pode apresentar-se em filhos caçulas que mantêm a fala infantil e também por filhos de estrangeiros por estarem submetidos a duas línguas ao mesmo tempo, obrigando a criança a ter dois sistemas diferentes de articulação simultaneamente.

3.3 – Produção da fala

As principais dificuldades na produção da fala são, segundo Coelho e José (1999):

- . omissão – a criança não pronuncia alguns sons. Ex.: “Omei ao ola.” (Tomei coca-cola.);
- . acréscimo – introduz mais um som. Ex.: “Atelântico” (Atlântico);
- . distorção – deixa a língua entre os dentes ao emitir os fonemas /s/ e /z/, deformando-os. Ex.: /s/ - sol, assar, peça, cebola, descer, aproximar e /z/ - azedo, asa, exame;
- . substituição – troca alguns sons por outros. Ex.: “Telo a boneta”. (Quero a boneca.);

- . gamacismo – omite ou substitui os fonemas /k/ e /g/ pelas letras d e t. Ex.: “tadeita” (cxadeira), “dato” (gato);
- . lambdacismo – pronuncia o “l” de maneira defeituosa. Ex.: “palanta” (planta), “confilito” (conflito);
- . rotacismo – Substitui o “r” , como faz o Cebolinha, personagem de Maurício de Souza. Ex.: “tleis” (três), “tlaço” (traço);
- . sigmatismo – Usa de forma errada ou tem dificuldade em pronunciar as letras “s” e “z” (às vezes não consegue nem soprar nem assobiar). Ex.: “caça” (casa), “acedo” (azedo).

4 - Disartria

Coelho & José (1999) definem a disartria como um problema articulatorio que se manifesta na forma de dificuldade para realizar alguns ou muitos dos movimentos necessários à emissão verbal.

A fala disártrica pode ficar mais lenta e arrastada pela dificuldade encontrada na passagem de um movimento a outro durante a emissão dos fonemas das palavras.

A disartria pode apresentar quebras de sonoridade quando ocorrem espasmos musculares, sendo considerada, por isso, como um problema de articulação que

envolve distúrbios de ritmo e de entonação.]

4.1 – Causas da disartria

Suas causas têm origem em lesões no sistema nervoso ou em perturbações nos músculos que intervêm na produção dos sons da fala.

As lesões dificultam a estimulação e o controle dos nervos, provocando uma articulação defeituosa. Quando a lesão é severa, pode dificultar a compreensão e o reconhecimento das palavras emitidas.

A disartria muscular é causada por uma paresia (paralisia incompleta), paralisia (completa) ou ataxia (incoordenação) dos músculos respiratórios. A paresia consiste na paralisia de nervo ou músculo que não perdeu inteiramente a sensibilidade e o movimento, a paralisia é a cessação dos movimentos dos músculos e a ataxia na incoordenação patológica dos movimentos do corpo.

4.2 – Conseqüências da disartria

Os erros disártricos podem tender a progredir quando o paciente apresenta maior dificuldade com a compreensão da fala e também em palavras ou a frases muito longas.

II – Na área da aritmética

. Discalculia

A dificuldade em aprender aritmética pode ter causas pedagógicas, capacidade intelectual limitada e disfunções do sistema nervoso. Essas desordens têm sido consideradas como *discalculia*.(Cohn, apud Coelho & José, 1999, p.99).

Assim como a leitura e a escrita, a matemática também é expressa através de símbolos. Para resolverem as operações matemáticas os alunos precisam compreender instruções e enunciados matemáticos. Alunos que têm dificuldades na leitura e na escrita precisarão superá-las para que dêem conta da resolução das questões matemáticas que lhe são propostas.

A complexidade dos símbolos aritméticos envolvidos gera vários tipos de desordens como deficiência de identificação dos símbolos visuais, de cálculo, de concepção de idéias e de aspectos verbais e não-verbais. (Critchley, apud Coelho & José, 1999, p.98).

Johnson e Myklebust (1983), citado por Coelho & José, 1999, p. 98, colocam, em seus trabalhos terapêuticos com crianças que apresentavam desordens e fracassos em aritmética (discalculia), que consideravam necessário que a terapia desses casos se baseassem na natureza da deficiência.

- Os distúrbios e a aritmética

Esses dois autores agruparam a aritmética com os distúrbios correlatos, abaixo descritos:

- distúrbios de linguagem receptivo-auditiva e aritmética

A criança com este tipo de desordem não é necessariamente deficiente nas relações quantitativas da aritmética. Ela domina bem os cálculos, mas tem dificuldades no raciocínio e na compreensão do vocabulário aritmético.

- memória auditiva e aritmética

A memória auditiva envolve dois tipos de distúrbios:

- a) problemas de reorganização auditiva que impedem a criança de lembrar-se dos números com rapidez. Ela reconhece o número mencionado quando o ouve, mas nem sempre consegue dizê-lo quando quer.
- b) A criança não consegue compreender os enunciados apresentados oralmente e não sendo capaz de guardar os fatos, o que a impede de solucionar os problemas matemáticos propostos.

- distúrbios de leitura e aritmética

As crianças com este distúrbios, entre elas os disléxicos, têm dificuldade em ler os enunciados dos problemas - o que acarreta dificuldade de compreensão dos mesmos – mas são capazes de fazer os cálculos e resolver as questões se elas são lidas em voz alta.

É importante que o professor observe as inversões e distorções de numerais nas crianças, através de sua escrita, pois os distúrbios de percepção visual afetam o trabalho com os números quanto à sua leitura e os leva a confundir números com forma semelhantes, como por exemplo 3 e 8 ou 6 e 9.

Se a criança tem dificuldade em lembra-se da aparência (forma) dos números, não sendo capaz de fixá-los de maneira adequada em sua mente, revisualizando-os em sua forma correta, conseqüentemente irá cometer erros, interferindo significativamente na escrita desses números e em seu cálculo matemático .

- distúrbios de escrita e aritmética

Crianças disgráficas têm dificuldade em aprender os padrões motores para que possa escrever letras ou números. Faz-se necessário que o professor busque outras formas que facilitem o aprendizado da matemática, até que a criança consiga superar o distúrbio de escrita.

Estes quatro distúrbios citados interferem no desempenho aritmético, mas não como os da discalculia, que impedem a criança de compreender os princípios e processos matemáticos. (Coelho e José, 1999, p.99)

Nem todas as deficiências em aritmética são, portanto, idênticas. O professor deverá analisar o nível da capacidade do aluno e o tipo de desordem que ele demonstra apresentar no desempenho de suas atividades diárias para detectar se ele apresenta uma discalculia ou se suas dificuldades estão relacionadas com outros distúrbios como por exemplo os de leitura e escrita.

Os distúrbios de aritmética podem apresentar-se em diferentes graus, segundo Johnson e Micklebust (1983, apud Coelho & José, 1999, p 99), em crianças que apresentam incapacidade para:

- . estabelecer correspondência um a um → não relaciona o número de alunos de um sala ao número de carteiras;
- . contar com sentido → não relaciona o símbolo (numeral) com a quantidade (número);

- . associar símbolos auditivos a visuais → faz contagem oral, mas não identifica visualmente o símbolo numérico (numeral);
- . aprender a contagem → através dos cardinais e ordinais;
- . visualizar conjunto de objetos → dentro de um conjunto maior;
- . compreender o princípio de conservação de quantidade → as que têm discalculia não são capazes de entender que um pacote de margarina de um quilo é o mesmo que quatro tabletes de 250 gramas cada;
- . executar operações aritméticas → não conseguem compreender o significado dos sinais (+ - x :);
- . compreender princípios de medidas → metro, litro, quilo;
- . obedecer e recordar a seqüência → dos passos que devem ser dados em operações matemáticas diversas;
- . escolher os princípios → para solucionar problemas de raciocínio aritmético.

Observar-se neste último sintoma que a criança que apresenta sinais de discalculia consegue ler as palavras e resolver os problemas quando o princípio lhes é dado (somar, subtrair, multiplicar ou dividir). Sem essa ajuda, a criança não é capaz de identificar que processo deverá utilizar.

- o professor e os distúrbios de leitura, escrita e aritmética

O papel do professor e da família é de capital importância para o diagnóstico e acompanhamento das crianças que apresentam problemas de aprendizagem, tanto da leitura e da escrita quanto da aritmética.

É importante identificar e analisar as dificuldades que a criança apresenta para que possa diagnosticar o seu problema. Deve-se evitar rótulos; é preciso distinguir a causa de seus comportamentos que podem ser oriundos de vários e diferentes aspectos, entre eles o emocional, cognitivo e o afetivo.

A análise deve ser criteriosa e o professor deve buscar um intercâmbio com os especialistas da escola como o coordenador, orientador, psicólogo, fonoaudiólogo e diretor, encaminhando a criança a um tratamento específico para sua deficiência.

Faz-se necessária também a realização de um atendimento individualizado do professor junto a essa criança que apresenta dificuldades, observando e respeitando os seus limites.

“O relacionamento professor-aluno é de capital importância no ensino-aprendizagem e é o ponto crucial da resolução dos problemas de aprendizagem.”
(Coelho & José, 1999, p. 100)

Colocam que aprendizagem é um processo que sofre a interferência de vários fatores: intelectual, psicomotor, físico e social, mas é do fator emocional que depende grande parte da educação infantil.

Daí a importância do professor no processo ensino-aprendizagem, pois a criança necessita “de um ambiente afetivamente equilibrado, onde receba amor autêntico e onde lhe permitam satisfazer as necessidades próprias do seu estado infantil”. (id., *ibid.*, p. 21)

A aprendizagem, segundo esses autores é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maduro. Esse indivíduo, ao aprender, expressa-se,

diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência.

Ressaltam que a aprendizagem não ocorre apenas na escola, como resultado do ensino. O termo tem um sentido muito mais amplo, abrangendo os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida afetiva e a assimilação de valores culturais. “Refere-se a aspectos funcionais e resulta de toda estimulação recebida pelo indivíduo no decorrer da vida”. (id., *ibid.*, p. 11)

CAPÍTULO III

A DESCOBERTA DE DAVIS

1 – Quem foi Davis?

Ronald Dell Davis nasceu em 1942, nos EUA. Era autista e só aprendeu a falar em 1961, aos 19 anos. Foi diagnosticado como disléxico, por não conseguir ler nem escrever. Em 1981, venceu a dislexia e em 1982, pesquisou e desenvolveu um programa intensivo, com a colaboração da psicóloga clínica dra. Fátima Ali, visando à correção da dislexia.

Fundou, então, o *Reading Research Council*, em Burlingame, California e em 1995, criou a *Davis Dyslexia Association International*, junto com Alice Davis, sua esposa, passando a divulgar seu trabalho através do mundo, promovendo workshops para treinar “Facilitadores Davis” .

Escreveu dois livros: *The Gift of Dyslexia* (2003), com Eldon M. Braun, traduzido para o português em 2004, pela Editora Rocco, com o título O Dom da Dislexia (*The Gift of Dyslexia*) e *The Gift of Learning* (O dom de Aprender).

2 - Talento latente: o lado positivo da Dislexia

Costuma-se associar a dislexia à criança com: dificuldades na leitura, na escrita, na ortografia e na matemática; com troca de letras ou palavras; com lentidão na aprendizagem; enfim, com alguma forma de transtorno da aprendizagem.

Davis (2003) nos mostra que isto é apenas um aspecto da dislexia. Há uma outra faceta a ser considerada, “o lado positivo da dislexia”.

Apresenta em seu livro uma lista de gênios famosos, todos disléxicos:

- **inventores/cientistas:** Albert Einstein, Thomas Edison, Alexander Graham Bell, Charles Darwin;
- **artistas/escritores:** Leonardo da Vinci, Pablo Picasso, Vincent Van Gogh, Walt Disney, Hans Christian Andersen, Agata Christie;
- **políticos/estrategistas:** Winston Churchil, John Fitzgerald Kennedy, Nelson Rockefeller, General George Patton;
- **músicos/atores/diretores:** John Lennon, Cher, Tom Cruise, Harrison Ford, Robin Williams, Whoopi Goldberg, Quentin Tarantino;
- **empresários:** Henry Ford, Ted Turner
- **esportistas:** Magic Johnson, Muhammad Ali, Jackie Stewart.

Davis ressalta: “Nem todos os disléxicos desenvolvem os mesmos dons, mas eles certamente possuem algumas funções mentais em comum” (DAVIS, 2003, apud LIMA, 2004, p. 33).

Destaca as oito habilidades básicas de que todos os disléxicos compartilham:

- 1 - Utilizam seu “dom” mental para alterar ou criar percepções (habilidade primária);
- 2 - São altamente conscientes do meio ambiente;
- 3 - Possuem curiosidade acima da média;
- 4 - Utilizam imagens ao invés de palavras, ao pensar;
- 5 - São altamente intuitivos e capazes de muitos “*insights*” (discernimentos, vislumbres);
- 6 - Pensam e percebem utilizando todos os sentidos (forma multidimensional);

7- Podem vivenciar o pensamento como se fosse a realidade;

8 - Têm a capacidade de criar imagens muito vívidas.

Davis afirma que, se a escola (processos educacionais) ou os pais não suprimirem, anularem ou destruírem estas oito habilidades, elas resultarão em duas características:

- inteligência acima do normal;
- extraordinária criatividade.

A partir daí, o verdadeiro dom da dislexia pode emergir – o dom da mestria – que se desenvolve de muitas maneiras e em muitas áreas. Para Albert Einstein, na Física; para Walt Disney, nas Artes; para Magic Johnson, no esporte, para John Fitzgerald Kennedy, na política. (DAVIS, 2003, apud LIMA, 2004, p.33)

3 – Mudança de Paradigmas

Nesta visão, as perspectivas com relação à dislexia mudam de transtorno para dom.

Para isso, é preciso compreender a dislexia de forma clara e precisa, em seus aspectos positivos e negativos.

As dificuldades mais comuns ocorrem na leitura, na escrita, na ortografia ou na matemática, mas também aparecem em muitas outras áreas.

Cada caso de dislexia é diferente do outro, pois ela é uma *condição autogerada*. “Não existem dois disléxicos que a tenham desenvolvido exatamente da mesma maneira”. (DAVIS, 2003, apud LIMA, 2004, p.34)

O dom, mesmo sem ser percebido, está sempre presente e muitas vezes é utilizado mesmo que não se tenha consciência disto. Os disléxicos acreditam que têm apenas um jeito diferente para fazer determinadas coisas, não percebendo que seu

talento especial vem das mesmas funções mentais que os impedem de ler e escrever muito bem.

Para que possamos entender o *dom da dislexia*, precisamos olhar o que é considerado como um *transtorno de aprendizagem* a partir de um ângulo diferente.

A dislexia é o resultado de um talento perceptivo. Em algumas situações, ele pode se tornar uma desvantagem. O indivíduo não percebe que isso acontece, porque o uso desse talento tornou-se parte integrante do seu processo de pensamento. Começou muito cedo na vida, e agora parece tão natural quanto respirar. (id., ibid., p.34)

4 – O transtorno da aprendizagem

Dislexia é um termo genérico utilizado para dar nome a vários e diferentes problemas de aprendizagem, sendo conhecida como “A mãe dos transtornos de Aprendizagem”. Existem mais de setenta nomes para descreverem seus vários aspectos.

Originalmente, os pesquisadores acreditavam que os disléxicos teriam sofrido algum tipo de lesão cerebral ou nervosa, ou seriam portadores de uma disfunção congênita. Em qualquer um dos casos, haveria uma interferência nos processo mentais necessários à leitura. (idem, ibidem, p. 35)

Até o momento, muitas teorias diferentes foram apresentadas sobre o que é e quais as causas da dislexia. Na maioria apenas explicam os seus sintomas. as suas características e por que o transtorno ocorreu.

A dislexia é o resultado de um talento perceptivo. Em algumas situações, ele pode se tornar uma desvantagem. O indivíduo não percebe que isso acontece porque o uso desse talento tornou-se parte integrante de seu processo de pensamento. Começou muito cedo na vida e agora parece tão natural quanto respirar. (id. ibid., p. 34)

5- A nova perspectiva de Davis

Davis apresenta teorias e procedimentos que foram desenvolvidos de forma diferente de até então. Não se preocupa em explicar a natureza do problema, mas em demonstrar por que *a dislexia pode ser corrigida*.

Diferentemente dos demais, sua teoria foi desenvolvida *a posteriori*, por ser também um disléxico, apresentando, portanto, uma experiência diretamente vivida por ele mesmo.

Eis o que descobri: a dislexia não é resultado de uma lesão cerebral ou nervosa. Também não é causada por uma má-formação do cérebro, do ouvido interno ou do globo ocular. *A dislexia é produto do pensamento e uma forma especial de reagir ao sentimento de confusão.* (DAVIS, 2003, apud LIMA, 2004, p.36)

6 – Dois tipos de pensamento

Os seres humanos pensam de duas formas diversas:

- pela conceituação verbal – pensam com os sons das palavras;
- pela conceituação não-verbal – pensam com as imagens mentais de conceitos e idéias.

O pensamento verbal é linear no tempo e segue a estrutura da linguagem. Ao utilizá-lo, compõe-se frases mentalmente, uma palavra de cada vez.

O pensamento não-verbal é evolutivo. A imagem cresce à medida que o processo de pensamento adiciona mais conceitos. É um processo milhares de vezes mais rápido e por sua rapidez não se tem consciência dele quando é utilizado. É geralmente subliminar ou abaixo do nível de consciência.

Pensa-se dos dois modos, mas há uma tendência a especializar-se em um deles. Davis (1997) coloca que o disléxico em potencial, durante o período em que o aspecto de transtorno de aprendizagem da dislexia se forma (dos 3 a 13 anos de

idade), precisa, primariamente, ser um pensador não-verbal (pensamento sob a forma de imagens).

A linguagem é composta por símbolos que se dividem em três partes:

- o som do símbolo;
- o significado do símbolo;
- a aparência do símbolo.

Pensar verbalmente inclui necessariamente um monólogo interno do qual os disléxicos encontram-se privados, parcial ou totalmente, o que prejudica sensivelmente a sua compreensão. Desta forma o disléxico não “ouve” o que lê a menos que o faça lendo em voz alta.

Ao contrário, ao se pensar utilizando linguagem não-verbal, está-se compondo uma imagem mental à qual vai acrescentando o significado (a imagem do significado) de cada palavra nova que vai sendo encontrada.

7 - dois tipos de palavras

“Palavras que descrevem coisas reais não causam muito embaraço ao disléxico.” (DAVIS, 1994, id, ibid, p.39)

Pensar na palavra elefante é fácil quando se conhece a aparência de um elefante, assim como pensar na palavra correr tem também um significado real, o que facilita a formação de uma imagem mental.

Podemos pensar em substantivos como casa, mesa, ônibus, etc. desde que conheçamos sua aparência, da mesma forma que podemos pensar em verbos como voar, comer e dançar porque já vimos ou vivenciamos as ações que estas palavras descrevem.

Porém, é impossível, coloca o autor, um pensador não-verbal pensar com palavras quando estas não possam ser representadas em imagens. Ver os artigos o, a ou a conjunção e e pensar na aparência deles não será o mesmo que ver um significado enquanto objeto (elefante) ou ação (correr).

Davis esclarece que na conceituação não-verbal, cada vez que o processo de formação de imagens é interrompido, a pessoa experimenta um sentimento de confusão, porque a imagem em formação tornar-se-á mais incoerente.

“Usando sua concentração, o leitor poderá se forçar a ultrapassar os espaços em branco e prosseguir, mas se sentirá cada vez mais confuso. Por fim, atingirá seu limiar de tolerância à confusão. Neste ponto a pessoa se tornará desorientada.” (DAVIS, 1994, id., ibid., p. 40).

Com a desorientação, a percepção dos símbolos se altera e se distorce, dificultando ou até mesmo impossibilitando a capacidade de ler ou escrever.

Davis descobriu, com suas próprias observações e experiências, que essa alteração é precisamente o mecanismo que os disléxicos consideraram útil para reconhecer objetos e situações da vida real em seu ambiente antes que começassem a aprender a ler.

8 – O disléxico e seus talentos

Davis, em suas pesquisas, percebeu que os disléxicos são pessoas imaginativas e criativas, capazes de desenvolver um entendimento intuitivo e aguçado de como as coisas funcionam. Eles são capazes de pensar por si só e de agir rapidamente, elevando sua auto-estima mesmo tendo sofrido um processo de

criação de uma auto-imagem negativa através do que se costuma dizer dele e fazer sobre ele. Isto aconteceu com ele próprio.

9 – A descoberta de Davis

Em 1980, aos 38 anos, Davis descobre, em si mesmo, como reagir à distorção perceptual severa que o acompanhara por toda sua vida, ao colocar seus pensamentos em um papel para tentar explicar a um escultor a técnica que ele usara ao esculpir uma estátua que havia feito e perceber que o que escrevera estava totalmente ilegível.

Davis estava voltado para o seu próprio processo criativo mental, que na realidade não era um problema estrutural, e sim, um problema funcional.

A partir daí ele deu seu primeiro passo, enquanto pesquisador no campo dos transtornos de aprendizagem.

Três dias depois conseguiu descobrir como corrigir suas distorções perceptivas.

Foi à biblioteca e pela primeira vez conseguiu ler um livro do início ao fim em poucas horas. Era “A Ilha do Tesouro”.

A partir daí passou a dedicar sua vida à ajudar os disléxicos, desenvolvendo técnicas baseadas em sua descoberta.

“Desde então, tenho trabalhado desenvolvendo técnicas baseadas no que eu descobri e tive o prazer de ajudar mais de 1500 crianças e adultos disléxicos a aprenderem a fazer as palavras – e o mundo – ficarem firmes.” (DAVIS, 1997, apud LIMA, 2004, p. 118)

Davis relata que o dislético de repente pode descobrir que tem talento para as artes visuais, como a escultura. Isto acontece porque ele tem a capacidade de visualizar a forma que deseja esculpir, sem nenhum esforço. Para esculpir um busto, basta imaginar em sua cabeça um busto qualquer e colocar esta imagem mental projetada sobre o bloco de madeira ou argila e retirar o material que excede das bordas. Ele pode transferir uma imagem qualquer que imagine em sua cabeça sobre uma mesa e preenchê-la com um material como se fosse um molde invisível.

Este exemplo foi comprovado por ele mesmo e pelas experiências que fez com outros disléticos.

10 – O dom do dislético

Da mesma forma que o lado negativo da dislexia não apresenta as mesmas dificuldades para todos os disléticos, o dom da dislexia também é peculiar a cada indivíduo.

Existem, porém, características gerais comuns a todos os seus portadores.

O dom final da dislexia será o dom do domínio (acúmulo de várias características das habilidades básicas do indivíduo), sendo capaz de dominar muitas habilidades mais rapidamente que uma pessoa comum. Este dom começa com a característica do pensamento não-verbal (pensar em imagens), processo primário do pensamento do dislético, que ocorre a uma velocidade de 32 imagens por segundo, enquanto que o pensamento verbal poderia ter entre 2 e 5 pensamentos sob a forma de palavras.

Matematicamente, explica Davis, isso produz como resultado um número de pensamentos 6 a 10 vezes maior. “Uma imagem vale mais do que mil palavras”

(princípio expresso neste velho ditado). Isto ocorreu com Einstein, também disléxico, ao formular a teoria da relatividade, lembra Davis.

11 – A intuição dos disléxicos

Por ser um processo extremamente rápido, pensar sob a forma de imagens traz um único inconveniente - a pessoa não toma consciência das imagens individuais enquanto elas vão ocorrendo -, embora seu cérebro capte o estímulo, o que acontece de maneira subliminar.

Isto resulta na intuição. A pessoa sabe a resposta sem saber como todo o processo se deu, por sua grande velocidade.

12 – O pensamento multidimensional

Davis descobriu que a desorientação mental que o indivíduo experimenta acrescenta *dimensão* ao processo do pensamento, em busca de um equilíbrio (uma orientação). O pensamento deixa de ser subliminar e não se dá mais apenas em imagens. Adquire uma faceta multidimensional onde utiliza todos os sentidos.

Quando ocorreu uma desorientação, o cérebro não vê mais aquilo para o qual os olhos estão olhando, o cérebro vê aquilo que a pessoa está pensando, como se os olhos o estivessem vendo. O cérebro não ouve mais o que os ouvidos estão ouvindo, o cérebro ouve o que a pessoa está pensando, como se os ouvidos estivessem ouvindo. (DAVIS, 1997 apud LIMA, 2004, p. 126)

As sensações do corpo, captadas pelos órgãos dos sentidos, passam a não interferir mais diretamente na mente do indivíduo (criança, adolescente ou adulto) que passa a sentir apenas o que a pessoa está pensando: “O corpo não sente mais o que seus sentidos estão sentindo, mas o que a pessoa está pensando e assim por diante”. (id., *ibid.*, p. 128)

“Realidade é aquilo que a pessoa percebe como tal – a desorientação altera a percepção. Os pensamentos da pessoa se transformam em suas percepções, de forma que os pensamentos são *realidade* para aquele indivíduo.” (Id., *ibid.*, p. 128)

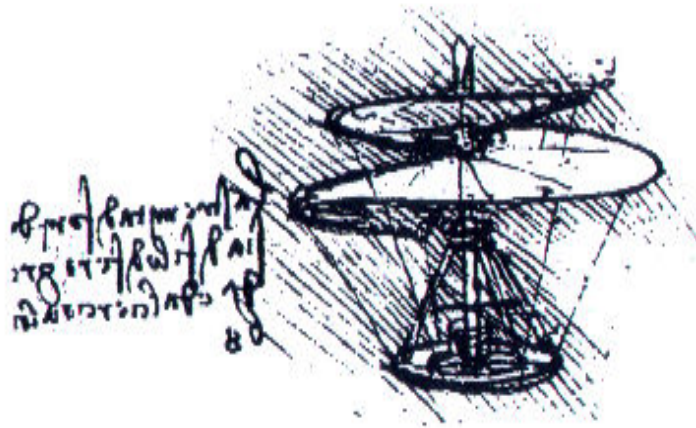
O pensamento multidimensional apresenta como um de seus aspectos a habilidade do pensador de vivenciar pensamentos como se fossem a realidade e gera um processo criativo.

Davis lembra o fato de da Vinci ter conseguido conceber um modelo de submarino, trezentos anos antes da invenção de um aparelho que pudesse bombear a água para fora dele.

É quase certo que Leonardo tenha experimentado voar e viajar debaixo d'água centenas de anos antes que isso se tornasse realidade. Sua habilidade multidimensional lhe permitiu experimentar seus pensamentos como realidades e desenhar resultados para que qualquer outra pessoa pudesse ver. É claro que, provavelmente, havia pessoas na época que consideravam essas idéias loucas. No lado mais sombrio, podemos também começar a entender por que, nas instituições psiquiátricas, existem inúmeros pacientes absolutamente convencidos de que são Jesus Cristo ou Napoleão. O problema deles é que não conseguem distinguir entre a realidade imaginária e a realidade compartilhada com as outras pessoas. (DAVIS, 2003, apud LIMA, 2004, p. 128)

Este um conceito que nos faz compreender como Leonardo Da Vinci, também disléxico, pôde visualizar um vôo impulsionado por energia humana num desenho que projetou de um helicóptero, quatrocentos anos de existir um motor que pudesse prover a energia para movê-lo.

Figura 1 - Helicóptero



Fonte: DAVIS, 1997 apud LIMA, 2004, p. 129

É importante registrar aqui que ao lado de seu desenho ele descreve sua “invenção” com observações escritas com as palavras espelhadas, característica da escrita dos disléxicos.

Diz-se que “a necessidade é a mãe da invenção”. Davis (2003, apud Lima, 2004, p. 128) coloca, então, que o pensar multidimensional deve ser o seu pai, pois os disléxicos, que pensam de forma multidimensional, através de imagens, são altamente criativos e inventivos.

CAPÍTULO IV

A DISLEXIA E A APRENDIZAGEM

1 – O dom do domínio

“O dom da dislexia é o dom do domínio.”

Quando alguém dominou alguma coisa, ele aprendeu tão bem que pode fazê-la sem pensar sobre o que está fazendo. Dominar é realmente aprender algo. Se o processo criativo e o processo de aprendizagem são o mesmo, então quando alguém dominou alguma coisa, esta pessoa *criou* o conhecimento necessário para fazer aquela coisa. (DAVIS, 2003, apud, LIMA 2004, p.136)

Memorização de dados não significa compreensão de dados. “Todo conhecimento verdadeiro passa pela experiência.” Conhecer todos os procedimentos teóricos da natação ou do ciclismo através da leitura minuciosa de livros ou ouvindo alguém relatar os procedimentos não fará com que se aprenda a nadar ou a andar de bicicleta. É preciso experimentar para que se possa “criar” o ato de nadar ou andar de bicicleta.

Experimenta-se, pensa-se, memoriza-se, lembra-se. Cria-se experiências reais, diminuindo-se o esforço consciente necessário à realização dos movimentos, até a sua automatização. Daí, torna-se desnecessário pensar em cada etapa para sua realização, pois já houve o domínio desta aprendizagem.

Este princípio é também aplicado ao aprendizado de uma língua, da leitura, da escrita e da matemática. O Procedimento Davis de Domínio dos Símbolos permite aos disléxicos utilizar este princípio a qualquer coisa.

Domínio é mais do que simplesmente uma aprendizagem rápida. Domínio é um nível de aprendizagem em que o pensamento consciente não é mais requerido. É a habilidade de possuir os dados aprendidos sob forma de experiência real. Quando algo é dominado, não há necessidade de se preocupar em se lembrar daquilo – é provavelmente impossível esquecê-lo. Ao dominar um conhecimento, esta aprendizagem torna-se parte dessa pessoa, de seu processo de pensar e de criar. Isso acrescenta a qualidade de sua essência a todo o pensamento subsequente e à criatividade do indivíduo. (id., *ibid.*, p. 137)

2 – Como identificar a dislexia

Davis (2003) explica que há uma variedade de sintomas, mas nenhuma patologia nos indivíduos que possuem o “dom” da dislexia.

Na sintomatologia (estudo dos sintomas) temos vários problemas, sendo que o primeiro é que jamais dois disléxicos apresentarão os mesmos sintomas. Todos os sintomas conhecidos da dislexia podem resultar de diferentes causas, incluindo distúrbios físicos como, por exemplo, problemas de visão e do ouvido interno.

“Na patologia, o estudo da natureza de uma doença, são estudadas as mudanças estruturais e funcionais que ocorrem no corpo. O grande inconveniente aqui é que a dislexia não é doença e sim uma condição autocriada.” (id., *ibid.*, p. 141)

Não existe, segundo Davis (2003, apud Lima, 2004, p.142), um teste de diagnóstico definitivo para a dislexia, o que leva alguns psicólogos e educadores a acreditarem que “Não existe essa tal dislexia”.

Davis (2003, apud Lima 2004, p. 142 - 144) reafirma que ela existe e que a estrutura ou anatomia do transtorno da aprendizagem, conhecido como dislexia, apresenta a seguinte seqüência de desenvolvimento:

1. *O indivíduo encontra um estímulo não reconhecido.*

Este pode ser uma palavra (escrita ou falada), um símbolo ou um objeto que não é reconhecido.

2. *A falta de reconhecimento causa uma confusão que estimula a desorientação.*

O indivíduo utiliza a desorientação para examinar mentalmente o estímulo a partir de diferentes ângulos de visão, na tentativa de chegar ao reconhecimento. Isto geralmente funciona com os objetos da vida real, mas absolutamente não funciona na linguagem, porque ela é composta de símbolos escritos ou sonoros, para idéias e conceitos.

3. *A desorientação causa a assimilação de dados incorretos.*

As perspectivas que o indivíduo examina mentalmente são registradas no cérebro como percepções reais. A maior parte dessas percepções é inexata.

4. *A assimilação dos dados incorretos leva o indivíduo a cometer erros.*

O indivíduo não consegue distinguir entre dados corretos e incorretos, porque ambos são registrados no cérebro como percepções reais. Os erros resultantes são geralmente os primeiros “sintomas” da dislexia.

5. *Os erros causam reações emocionais.*

Ninguém gosta de cometer erros. O indivíduo está tendo simplesmente uma reação humana. Isto, por sua vez, leva pais e professores a reagirem negativamente.

6. *Reações emocionais provocam frustrações.*

A frustração é um resultado dos efeitos cumulativos dos erros e das reações emocionais, que se misturam às respostas negativas de outras pessoas.

7. *Soluções são criadas ou adotadas para resolver os problemas oriundo do uso da desorientação no processo de reconhecimento.*

Estas soluções serão métodos de dar a impressão de saber as coisas ou de estar apto a realizar tarefas. Cada um terá funcionado pelo menos uma vez e será um *comportamento compulsivo*. A pessoa vai utilizá-lo sem nem mesmo perceber. Estas “soluções antigas” geralmente começam a se acumular por volta dos nove anos de idade.

8. *O transtorno de aprendizagem é composto pelas soluções compulsivas que o indivíduo adquire.*

Soluções compulsivas são muletas mentais, memorizações mecânicas, truques e macetes que a pessoa usa para *aparentar* ter entendido. estas soluções têm muito pouco, ou nada, a ver com a real aprendizagem ou com a aquisição do entendimento do material estudado.

9. *Estas soluções compulsivas são o que transtorna o processo de aprendizagem.*

Utilizando soluções compulsivas, uma pessoa poderia aprender a “ler” da mesma maneira que um papagaio aprende a falar – sem qualquer entendimento do conteúdo. Por meio de alguns rodeios mentais, a pessoa pode ser capaz de decifrar parte do significado do material que é lido.

Davis (2003) coloca que utilizar essas soluções seria um processo cansativo e tomando essa anatomia descrita anteriormente como base, propicia avaliar as características das funções mentais que acabarão produzindo vários níveis de dislexia: a **habilidade para a conceituação não-verbal** e a **habilidade de desorientar percepções**.

3 – Sintomas da desorientação

Os sintomas são o primeiro sinal que levam as pessoas a suspeitarem de um transtorno de aprendizagem.

Davis explica que todos os sintomas da dislexia são sintomas de desorientação e que a dislexia em si não pode ser reconhecida, mas a desorientação sim, pois as percepções dos disléxicos tornam-se distorcidas. Mentalmente, o que eles percebem como real não está em concordância com as condições e os fatos verdadeiros do meio ambiente.

Os principais sentidos que ficam distorcidos são a visão, a audição, o equilíbrio, o movimento e a noção de tempo. Exemplos comuns de desorientação incluem náusea, a sensação de estar caindo numa escada rolante ou à beira de um penhasco, "ouvir coisas" e a falsa sensação de movimento que as pessoas às vezes sentem quando estão sentadas num veículo parado e vêem outro veículo, próximo, se movendo. (DAVIS, 2003 apud LIMA, 2004, p. 145)

Milhares de sintomas diferentes de transtornos de aprendizagem podem ser resultantes da desorientação e a pessoa não percebe a mesma realidade que as demais pessoas percebem, enquanto estiverem desorientadas, e nem têm consciência de que o percebido não é a realidade. A intensidade com que cada sentido é afetada varia de indivíduo para indivíduo e de um momento para outro.

Davis (2003, p. 146 – 149) apresenta alguns dos sintomas mais comuns da desorientação, classificados de acordo com as percepções sensoriais mais afetadas:

3.1 - Visão

- . Formas e seqüências de letras ou números aparecem alteradas ou invertidas;
- . A ortografia é incorreta ou inconsistente;
- . Pulam-se palavras ou linhas na leitura ou na escrita;
- . Letras e números parecem se mover, desaparecer, crescer ou diminuir;
 - . Os sinais de pontuação ou letras maiúsculas são omitidos, ignorados ou não são vistos;
 - . Palavras e letras são omitidas, alteradas ou substituídas durante a leitura ou na escrita.

3.2 - Audição

- . Alguns sons são difíceis de serem pronunciados;
- . Dígrafos como *ch*, *lh*, *nh* são mal pronunciados;
- . *Falsos* sons são percebidos;
- . Parecem não escutar nem ouvir o que é dito;
- . Os sons são percebidos mais baixo ou mais alto, mais perto ou mais distante do que realmente são.

3.3 - Equilíbrio/ movimento

- . Tonteira ou náusea durante a leitura;
- . Senso de direção fraco;
- . Incapacidade de ficar sentado quieto;

- . Dificuldade na escrita;
- . Problemas com equilíbrio e coordenação.

3.4 - Tempo

- . Hiperatividade (excessivamente ativo);
- . Hipoatividade (pouco ativo);
- . Conceitos matemáticos são difíceis de aprender;
- . Dificuldade em ser pontual ou dizer as horas;
- . Excesso de devaneios;
- . Perde facilmente a linha do pensamento;
- . Problemas com seqüência (colocar coisas na ordem correta).

3.5- Soluções Compulsivas

Os disléxicos podem criar ou adotar centenas de comportamentos compensatórios, padrões e truques mentais como *soluções compulsivas* para resolverem as confusões que tornam lenta ou paralisam a habilidade necessária à aprendizagem.

Davis (2003, p. 147 – 148) apresenta algumas das mais comuns:

- . Cantar a “Cantiga do Alfabeto” em voz alta ou mentalmente;
- . Extrema concentração enquanto lê;
- . Memorização;
- . Movimento e posturas corporais incomuns;
- . Dependência de outras pessoas;
- . Pronunciar cada letra de cada palavra em voz alta;
- . Comportamento de esquiva (estar atento para evitar aquilo que o ameaça, ou seja, aquilo que dificulta sua percepção e sua aprendizagem).

Davis esclarece que um indivíduo pode ser portador de qualquer combinação dos sintomas e comportamentos apresentados nas cinco listas anteriores e ter outros completamente ausentes.

4 - Avaliação da habilidade

Pode-se também proceder, além de encontrar esses sintomas que revelam os aspectos negativos da desorientação, a uma avaliação para que se verifique a presença das quatro habilidades básicas compartilhadas pelos disléxicos. “Estas habilidades são talentos que fazem parte do dom da dislexia.” (p. 148 – 149)

1. A habilidade para acessar intencionalmente a função do cérebro de distorção da percepção;
2. A habilidade para, conscientemente, ver imagens mentais tridimensionalmente e se mover em volta delas no espaço;
3. A habilidade para vivenciar imagens mentais autocriadas como fenômenos do mundo real; em outras palavras, ser capaz de vivenciar a imaginação como realidade.
4. A tendência ou a preferência para pensar não-verbalmente, utilizando-se de imagens de conceitos e idéias, com pouco ou nenhum monólogo interno.

Davis revela que: “Se estes talentos estão presentes e o indivíduo manifesta os sintomas de um transtorno de aprendizagem, pode-se afirmar com segurança que os sintomas são conseqüência da desorientação e que a pessoa é disléxica”.

5 – Como ativar a função de desorientação do cérebro

5.1 – O olho mental

Davis descobriu em dezembro de 1980 que quando ele estava no “seu melhor momento artístico” estava também no seu “pior momento da dislexia”. Como seus sintomas não eram constantes começou a questionar-se sobre o fato da dislexia originar-se de déficit estrutural ou de uma disfunção do cérebro.

Examinando a maneira como eu via as coisas enquanto criava artisticamente, descobri que durante o pensamento criativo, eu mudava a localização do ponto de visão de onde as minhas imagens mentais eram vistas. Descobri que posicionando “aquilo que via em minhas imagens mentais” em diferentes localizações, eu podia – intencionalmente – aumentar ou diminuir a severidade dos meus sintomas de dislexia. (DAVIS, 2003, apud LIMA, 2004, p. 150)

Davis (2003) nomeou o que via em suas imagens mentais de ECV (epicentro da consciência visual) e depois simplificou o termo para “olho mental” – definido como “imaginação” nos dicionários. Mais tarde descobre que o olho mental era também o epicentro mental de outras percepções, como o som e os sentidos de equilíbrio e movimento. Era, na realidade, o epicentro mental da percepção, tendo como predominância a visão.

5.2 – Encontrando o interruptor

A desorientação pode ser controlada e a pessoa disléxica precisa aprender a ligá-la e desligá-la, posicionando conscientemente o olho mental, movendo-o em investidas de ensaio e erro, até que volte a orientar-se e a perceber corretamente o mundo ao seu redor – o mundo real.

6 – Os procedimentos Davis

Davis (2003) utiliza a Avaliação Davis da Habilidade Perceptiva para determinar a capacidade da pessoa disléxica utilizar seu olho mental adequadamente.

O procedimento Davis de Orientação ensina a pessoa a controlar a posição do olho mental até o ponto ótimo de visão para uma percepção do mundo real, principalmente para a leitura. Seu objetivo não é levar a pessoa a parar de desorientar-se, pois a desorientação é um talento precioso, e sim tornar o mecanismo do liga-desliga acessível e fácil de usar.

O livro “O Dom da Dislexia” não pretende ser um manual de auto-ajuda. É necessário o acompanhamento de uma outra pessoa para a execução dos procedimentos que podem ser feitos individualmente por um professor, pelos pais ou por pessoa determinada a ajudar um disléxico e pode ser aplicado a crianças, adolescentes e adultos.

O programa Davis de Correção da Dislexia utiliza seus métodos em um curso intensivo de cinco dias com cinco a seis horas diárias.

O procedimento de Domínio dos Símbolos das palavras-gatilho é iniciado no programa e completado em casa, com um familiar ou com um professor.

Constatou ser o curso intensivo mais eficiente e rápido, mas pode ser feito também em um tempo maior e com menos horas diárias, o que efetivamente irá retardar os resultados, não sendo o ideal.

“O procedimento de Orientação corrige a percepção. O domínio dos Símbolos corrige a dislexia”

7 – Sou qualificado para fazer isso?

Davis explica que qualquer pessoa instruída pode ajudar alguém a superar problemas com a leitura e escrita. Basta desejar.

Professores deveriam simplesmente tratar esses procedimentos como exercício. Eles não prejudicam. Se forem executados erradamente, na pior das hipóteses, podem produzir uma discreta tonteira, o que passará com uma curta caminhada ou um cochilo. Os pais só poderão achar esses procedimentos difíceis caso não tenham, desde o início a boa vontade de

seu filho para participar, ou se utilizarem de alguma forma de pressão ou coerção. (DAVIS, 2003, *apud* LIMA, 2004, p. 156)

Estas palavras de Davis são um grande incentivo ao trabalho do professor em sala de aula. Utilizar os procedimentos Davis, mesmo de uma forma não muito perfeita, não causará nenhum prejuízo ao aluno mas, deixar de trabalhar as dificuldades de aprendizagem causadas pela dislexia pode significar problemas para toda a vida. Isto o professor pode e deve evitar.

CONCLUSÃO

A dislexia, nos dias atuais, não pode deixar de ser conhecida pelos educadores, pais e alunos.

Este trabalho não tem a pretensão de ensinar os métodos Davis de correção da dislexia, mas sim de alertar as pessoas com dificuldades de aprendizagem e todos aqueles que lidam com elas para a possibilidade da presença de uma dislexia.

Saber que ela existe e que pode ser tratada e curada é um passo importante---
--- para os educadores, pois dá-lhes a oportunidade de evitar que o problemas de aprendizagem se instalem e que a pessoa seja prejudicada, retardando ou impossibilitando o seu caminhar, gerando o fracasso escolar e a conseqüente exclusão escolar.

Os interessados em aprender esses procedimentos deverão ler e estudar as orientações dadas por Robert Dell Davis em sua obra “O Dom da Dislexia” da Editora Rocco para que possam dominar o método e ajudar os disléxicos.

Davis trouxe para a dislexia um novo paradigma. Até então, ela era vista apenas por seu lado negativo – um problema. Agora ela é encarada como um dom – seu lado positivo.

Ele demonstra que as dificuldades iniciais causadas pela desorientação provocada por esse distúrbio podem ser corrigidas, buscando a orientação do disléxico.

A dislexia, quando tratada, pode ser um fator de sucesso para o indivíduo, pelo fato de ser beneficiado pelo seu pensamento não-verbal, através de imagens, possibilitando uma visão da imagem real de forma muito mais rápida, eficiente e precisa.

Assim Einstein pode formular sua Teoria da Relatividade, pois seu “olho mental” pode ver, mentalmente, o que as demais pessoas não conseguiam enxergar.

Evitar as dificuldades de aprendizagem é o grande compromisso dos educadores da atualidade. É preciso que se tenha o cuidado de não rotular os alunos da mesma forma que é necessário que se busquem as causas de suas dificuldades para saná-las e evitar que se prejudique a caminhada da criança, jovem ou adulto em seu desempenho escolar.

REFERÊNCIAS

- **Atividades Sensoriomotrices para la Lectoescritura.** Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com/disgrafia>. Acesso em 04/06/04; 12:38:45h.
- ANTUNES, Celso. **Trabalhando habilidades, construindo idéias.** 1. ed., 1. imp. São Paulo: Scipione, 2001, 79 p.
- ARAÚJO, Heloísa Miguens. **Fonoaudiologia: Distúrbios de Aprendizagem.** Disponível em: [http://www.heloisa.miguens-fonoaudióloga-disturbios da aprendizagem.htm](http://www.heloisa.miguens-fonoaudióloga-disturbios-da-aprendizagem.htm)/ [google.com.br](http://www.google.com.br) . Acesso em: 14/06/04; 21:20:43h.
- BARSA, Enciclopédia – **Macropédia**, v.5. São Paulo, S.P.: Barsa Consultoria Editorial, 2001, 18 v. , 5506 p.
- DAVIS, Ronald Dell; BRAUN, Eldom M., 1942. **O Dom da Dislexia.** Trad. LIMA, Ana; MASSAD, Gracia Badaró. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, 264 p.

- **Dificuldades de Aprendizagem de La Escritura: aplicaciones de la psicolingüística y de las nuevas tecnologías.** Artigo. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com/disgrafia>. Acesso em 04/06/04; 16:47:05 h
- FONSECA, Vítor da. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem.** 2. ed. rev. e aum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 388 p.
- GORMAN, Christine. **The New Science of Dislexia.** Trad. 20/7/2003. Disponível em: <http://www.interdys.org/index.jsp>. Acesso em: 09/06/2004; 9:35:50 h.
- JOSÉ, Elisabete da Assunção & COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem.** 10. ed. São Paulo, SP: Ática, 1999. 232 p.
- MARTINS, Vicente. **Diagnóstico da dislexia.** Disponível em <http://www.dislexiologia.hpg.com.br>. Acesso em 14/09/2004; 11:05:47h.
- NUNES, Terezinha; BUARQUE, Lair; BRYANT, Peter. **Dificuldades na Aprendizagem da Leitura: teoria e prática.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Coleção Questões da Nossa Época; v. 44, 112 p.
- PIAGET, Jean. Trad. LINDOSO, Dirceu Accioly. SILVA, Rosa Maria Ribeiro da. **Psicologia e Pedagogia.** 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1975, 184p.
- ROBIN, Gilbert. **As dificuldades escolares da criança.** Trad. VIANA, Helena Besserman. v.2.Série: A criança e nós. RJ: Fundo de Cultura, 1958, 172

ANEXO 1

Reportagem retirada da seção Bem-viver do Jornal Extra de domingo, dia 04/07/2004, página 3, que deu origem à necessidade de escrever esta Monografia.

Domingo, 4 de julho de 2004 – **BEM VIVER EXTRA**

COMPORTAMENTO - VOCÊ E SEU FILHO

Alfredo Castro Neto

CUIDADOS COM OS DISLÉXICOS

Há algum tempo, o jornal “Daily News” publicou a notícia de que na Corte Superior de Justiça de New Jersey, nos Estados Unidos, o senhor Thomas Mc Neil ganhou uma ação original movida contra as autoridades educacionais. Exibindo como provas seus

cadernos de 20 anos atrás, em que se podia caracterizar facilmente uma grave dislexia, Mc Neil pleiteou uma indenização pelo fato de o problema não ter sido corrigido oportunamente. A seu ver isso significava negligência por parte

da escola onde havia estudado, o que o atrapalhou em sua vida adulta.

Este fato vem mostrar q importância de um adequado atendimento para as crianças disléxicas. Cerca de 10% da população infantil escolar apresenta este distúrbio, entretanto, em nosso país, um número muito reduzido de crianças recebe o atendimento correto.

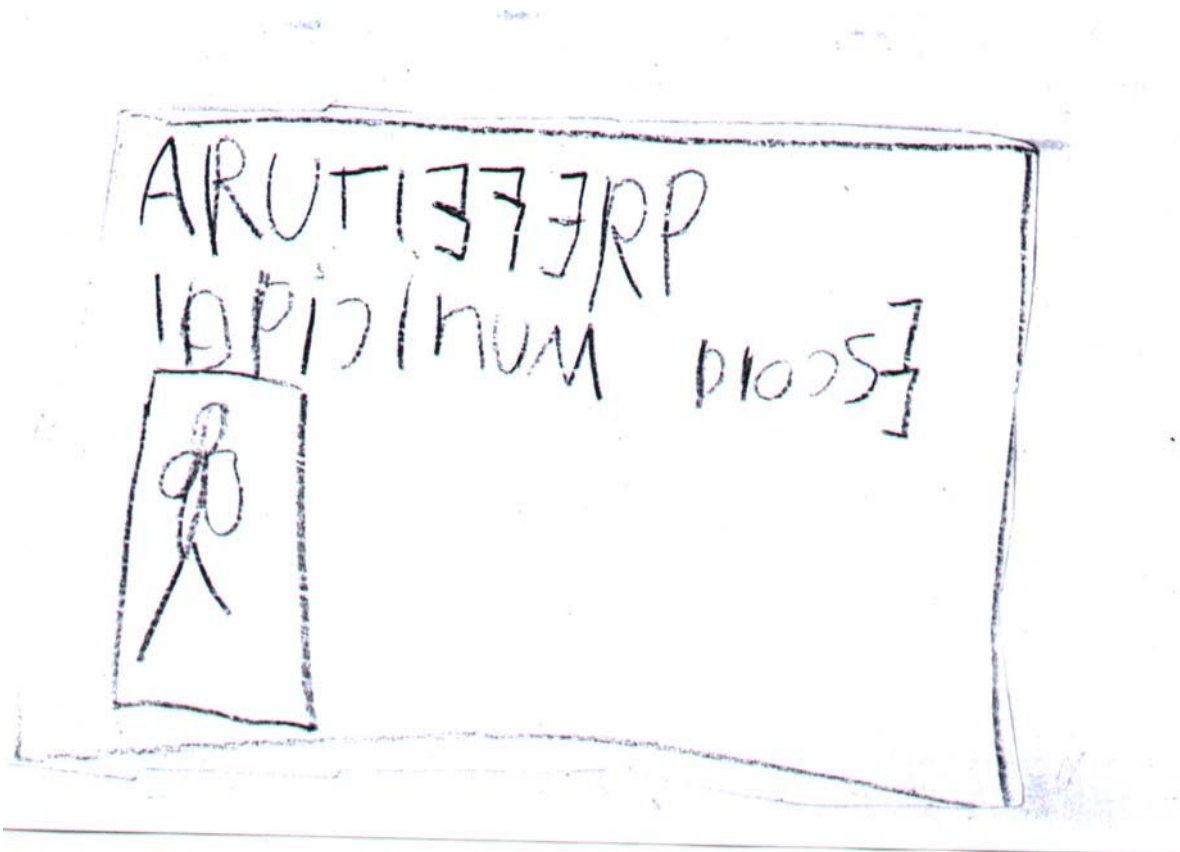
A criança disléxica faz confusão de letras e/ou fonemas semelhantes. Além de discriminar mal os sons, pode também confundir os sinais gráficos. Quando pedimos para a criança disléxica fazer uma redação, notamos uma dificuldade mais complexa e global na construção da linguagem, ou seja, no moldar o pensamento numa expressão verbal. O texto geralmente é breve, o pensamento limitado, a ordenação das palavras é falha e a pontuação é aberrante.

Parece incrível, mas a dislexia dificultou o inventor Thomas Edison em seus trabalhos escolares. Levou Hans Christian Andersen a cometer erros de ortografia a vida inteira, embora tivesse se tornado um grande escritor de histórias infantis. Foi também o principal responsável pelo apelido de Pateta, que em criança teve um fraco estudante chamado Albert Einstein.

O disléxico necessita de atendimento multidisciplinar neuropsiquiátrico, psicomotor e fonoaudiológico, mas as condutas preventivas são fundamentais. Assim, todas as crianças que vão cursar o CA devem fazer um exame de prontidão para a alfabetização por uma equipe multidisciplinar.

ANEXO 2

Escrita espelhada de um aluno de Escola Pública Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, com oito anos de idade, cursando o terceiro ano do ciclo.



ÍNDICE	
INTRODUÇÃO	11
I – Apresentação do tema	11
II –Justificativa	13
III – A quem se destina	15
IV – Objetivos	16
V – Formulação da hipótese	16
VI – Delimitação do objeto da pesquisa	17
VII – Procedimento metodológico	17
VIII – Questões de estudo	17
IX – Organização do estudo	17
Capítulo 1 – Distúrbios de Aprendizagem : A Dislexia	19
1 – O que é?	19
2 – Causas da dislexia	21
3 – Sinais de dislexia	22
3.1 – entre 3 e 6 anos, na Educação Infantil	23
3.2 – entre 6 e 7 anos, na 1ª série	23
3.3 – entre 7 e 12 anos	24
3.4 – a partir dos 12 anos	24
4 – Características da dislexia	25
5 - Transtornos na leitura	26
6 – O que pode ser feito?	29
7 – A cura	30
8 – Orientações	31
9 – A reeducação	31

Capítulo 2 – A Dislexia e os Transtornos da Aprendizagem	33
I – Na área da linguagem	33
1 – Disgrafia	33
1.1 – tipos de disgrafia	34
1.1.1 – disgrafia motora	34
1.1.2 - disgrafia específica	35
1.2 – o diagnóstico da disgrafia escolar	35
1.3 – o tratamento da disgrafia	36
1.4 – objetivo do tratamento	37
1.5 – áreas do tratamento	37
1.5.1 – psicomotricidade global / psicomotricidade fina	37
1.5.2 – percepção	38
1.5.3 – visuomotricidade	38
1.5.4 – grafomotricidade	38
1.5.5 - grafoescrita	39
1.5.6 – aperfeiçoamento da escrita	39
1.6 – o relaxamento	39
2- Disortografia	40
3- Dislalia	41
3.1 – o tratamento da dislalia	41
3.2 – causas da dislalia	41
3.3 – produção da fala	42
4- Disartria	43
4.1 – causas da disartria	43
4.2 – conseqüências da disartria	44
II – Na área da aritmética	44
- Discalculia	44
. os distúrbios e a aritmética	45
. distúrbios de linguagem receptivo-auditiva e a aritmética	45

. memória auditiva e aritmética	45
. distúrbio de leitura e aritmética	45
. distúrbio de escrita e aritmética	45
- o professor e os distúrbios de leitura, escrita e aritmética	47
Capítulo III – A Descoberta de Davis	50
1 – Quem foi Davis?	50
2 – Talento latente: o lado positivo da dislexia	52
3 – Mudança de paradigmas	53
4 – O transtorno da aprendizagem	53
5 – A nova perspectiva de Davis	54
6 – Dois tipos de pensamento	55
7 – Dois tipos de palavras	56
8 – O disléxico e seus talentos	57
9 – A descoberta de Davis	58
10 – O dom do disléxico	58
11 – A intuição dos disléxicos	59
12 O pensamento multidimensional	60
- figura 1 - helicóptero	
	62
Capítulo IV – A Dislexia e a Aprendizagem	
1 – O dom do domínio	62
2 – Como identificar a dislexia	63
3 – Sintomas da Desorientação	65
3.1 – visão	66
3.2 – audição	66
3.3 – equilíbrio / movimento	67
3.4 - tempo	67
3.5 – soluções compulsivas	68
4 – avaliação da habilidade	68
5 – como ativar a função de desorientação do cérebro	69
	68

5.1 – o olho mental	70
5.2 – encontrando o interruptor	70
6 - os procedimentos Davis	71
7 – Sou qualificado para fazer isso?	72
Conclusão	74
Referências	76
Anexo1	77
Anexo 2	78
Índice	82
Folha de Avaliação	

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome da Instituição: Universidade Cândido Mendes

Título da Monografia: Dislexia: de problema a dom – um novo paradigma

Autor: Marlene Bérenger Samarcos de Almeida

Data da entrega: 18 / 12 / 2004

Avaliado por: Prof^ª. Ms. Ana Cristina Guimarães

Conceito: